

Universidade Católica de Santos
Programa de Mestrado em Gestão de Negócios

**AS REDES SOCIAIS NO PROCESSO DE INCUBAÇÃO DE
EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS:
UM ESTUDO DE CASO**

Érika Costa da Silva Gaudeoso

Orientador: Prof. Dr. Luciano A. Prates Junqueira

Santos

2010

ÉRIKA COSTA DA SILVA GAUDEOSO

**AS REDES SOCIAIS NO PROCESSO DE INCUBAÇÃO DE
EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS:
UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão de Negócios da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão de Negócios.

Área de concentração: Organização e Gestão.

Orientador: Prof. Dr. Luciano A. Prates Junqueira.

Santos

2010

Dados Internacionais de Catalogação
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos - UNISANTOS
SibiU

G149r Gaudeoso, Érika Costa da Silva
As Redes Sociais no Processo de Incubação de Empreendimentos Econômicos
Solidários / Érika Costa da Silva Gaudeoso. Santos, 2010.
90 f.; 30 cm (Dissertação de Mestrado - Universidade Católica de Santos,
Programa em Gestão de Negócios)

I. Gaudeoso, Érika Costa da Silva. II. As rede sociais no processo de
incubação de empreendimentos econômicos solidários.

CDU 65.01 (043.3)

ÉRIKA COSTA DA SILVA GAUDEOSO

**AS REDES SOCIAIS NO PROCESSO DE INCUBAÇÃO DE
EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS:
UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão de Negócios da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão de Negócios.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano A. Prates Junqueira (orientador)
Universidade Católica de Santos

Prof. Dr. Belmiro do Nascimento João
Universidade Católica de Santos

Profa. Dra. Maria Lucia Carvalho da Silva
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Ao meu marido Carlos e
Aos meus filhos Caroline e Caio Felipe

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo amor, pela oportunidade, pela saúde, pelo equilíbrio e pela vida.

Aos meus pais e meus irmãos pelo constante apoio durante os sucessivos anos de estudo.

Ao professor e orientador Luciano A. Prates Junqueira pelo incentivo, apoio e compartilhamento de conhecimentos que tornaram possível o desenvolvimento do meu mestrado. Agradeço, ainda pela confiança e a oportunidade de desenvolver trabalhos conjuntos.

A todos os professores do Mestrado que sempre me apoiaram e contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Em especial a Professora Marisa Nobre que prontamente me estimulou na construção deste trabalho.

Ao Dr. José Romano Lucarine pela compreensão e apoio inestimável, que ajudou, em muito, na concretização deste trabalho

À equipe da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da Universidade Católica de Santos por termos construído vínculos de amizade que transcende a instância do projeto e pelos inúmeros momentos em que compartilhamos dificuldades, descobertas e muitas conquistas.

RESUMO

As redes sociais são relacionamentos entre atores, quer sejam pessoas e/ou instituições em torno de interesses compartilhados, que possibilitam planejar de maneira articulada ações que visem a transformação da realidade social. O intuito desta pesquisa realizada junto a um grupo de jovens incubados pela Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da Universidade Católica de Santos foi identificar os fenômenos sociais das relações entre vinte jovens beneficiados pelo projeto Oficinas Querô. A finalidade do projeto, com vistas ao desenvolvimento de habilidades para uma transformação social, proporcionou capacitação técnica na área audiovisual. A pesquisa de natureza quali-quantitativa foi realizada junto aos jovens com a utilização de entrevista, observação participante e aplicação de um formulário para identificar como se deram as relações sociais entre os jovens e destes com a equipe da Incubadora durante o processo de incubação. Na análise dessas relações foram utilizadas métricas de redes sociais para identificar a centralidade e a agregação dos atores envolvidos. O referencial teórico de rede e capital social possibilitou verificar que a incubação é um processo de desenvolvimento das relações inter-grupo proporcionando a valorização das competências individuais. Observou-se que essas competências necessitam ser articuladas no ampliado da rede para serem apropriadas pelo grupo. A equipe da Incubadora assumiu papel de intermediação na rede de relações do grupo, reforçando a confiança, o que favoreceu o aumento do capital social.

Palavras-chave: rede social, capital social, economia solidária, incubação social.

ABSTRACT

Social networks are relations between actors, whether they are people and/or institutions with shared interests, which allow to articulately design actions aiming to change social reality. The purpose of this research, carried out with a group of youths from Solidarity Economic Business Incubation, by Catholic University of Santos, is to identify social phenomena in the relations of twenty young beneficiaries of the project Oficinas Querô. The project aimed at developing skills that allowed for social adjustments and offered technical qualification in audiovisual professional field. The qualitative and quantitative research was carried out by means of interviews, collaborative observation, and application of a form to identify how social relations between these youths, as well as between them and the Incubation team, occurred during the incubation process. In order to analyse such relations, social network metrics was applied to distinguish centrality and aggregation of the involved actors. Network and social capital theoretical reference enabled to verify that incubation is a process which develops intergroup relations and focuses on individual competences. These competences must be articulated in the entire network so as to be accepted by the group. The Incubation team was responsible for intermediation in the group's relation network, reinforcing their confidence and, thus, favouring an increase in social capital.

Keywords: social network, social capital, solidarity economy, social incubation.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACMV: Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida

EES: Empreendimento Econômico Solidário

FIOCRUZ: Fundação Oswaldo Cruz

IEES-UNISANTOS: Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da
Universidade Católica de Santos

ITCP: Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares

MTE: Ministério do Trabalho e Emprego

RMBS: Região Metropolitana da Baixada Santista

SENAES: Secretaria Nacional de Informações em Economia Solidária

SIES: Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Distribuição das atividades econômicas dos empreendimentos econômicos solidários | 22 |
| Quadro 2 - Motivos de criação dos empreendimentos econômicos solidários | 22 |
| Quadro 3 - Conceito de capital social e suas tradições teóricas | 30 |
| Quadro 4 - Conceitos e terminologias utilizados em análise de redes sociais..... | 35 |
| Quadro 5 - Métricas para análise de redes sociais utilizadas no estudo | 36 |
| Quadro 6 - Etapas e atividades do processo de incubação..... | 43 |
| Quadro 7 - Métricas da rede de relacionamentos | 54 |
| Quadro 8 - Métricas dos atores da rede de relacionamentos: jovens incubados..... | 56 |
| Quadro 9 - Atividades e competências identificadas pelos jovens | 64 |
| Quadro 10 - Métricas da rede de relacionamentos ampliada..... | 67 |
| Quadro 11 - Comparativo das métricas das redes de relacionamentos..... | 73 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 - Concentração dos participantes do grupo de jovens incubados por gênero | 48 |
| Gráfico 2 - Concentração dos participantes do grupo de jovens incubados por estado civil .. | 48 |
| Gráfico 3 - Concentração dos participantes do grupo de jovens incubados por idade | 49 |
| Gráfico 4 - Escolaridade dos participantes do grupo de jovens incubados..... | 49 |
| Gráfico 5 - Escolaridade dos pais dos jovens incubados | 50 |
| Gráfico 6 - Renda familiar dos participantes do grupo de jovens incubados | 51 |
| Gráfico 7 - Município de moradia dos participantes do grupo de jovens incubados..... | 52 |
| Gráfico 8 - Centralidade de intermediação: curvas das métricas dos jovens da rede de relacionamento e da rede de relacionamento ampliada..... | 68 |
| Gráfico 9 - Centralidade de proximidade: curvas das métricas dos jovens da rede de relacionamento e da rede de relacionamento ampliada..... | 70 |
| Gráfico 10 - Centralidade de autovetor: curvas das métricas dos jovens da rede de relacionamento e da rede de relacionamento ampliada..... | 71 |
| Gráfico 11 - Coeficiente de agregação: curvas das métricas dos jovens da rede de relacionamento e da rede de relacionamento ampliada..... | 72 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Sociograma das relações dos jovens incubados | 55 |
| Figura 2 - Sociograma das relações dos jovens incubados, estabelecido a partir da métrica de centralidade de intermediação | 58 |
| Figura 3 - Sociograma das relações dos jovens incubados, estabelecido a partir da métrica de centralidade de intermediação | 60 |
| Figura 4 - Sociograma das relações dos jovens incubados, estabelecido a partir das métricas de centralidade de autovetor e coeficiente de agregação | 62 |
| Figura 5 - Sociograma das relações dos jovens incubados, estabelecido a partir das competências identificadas no grupo | 65 |
| Figura 6 - Sociograma das relações dos jovens incubados e da equipe da Incubadora | 66 |
| Figura 7 - Sociograma das relações dos jovens incubados e da equipe da Incubadora, a partir da métrica de centralidade de intermediação | 69 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1 - ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL | 19 |
| 2 - A UNIVERSIDADE E A INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA | 24 |
| 3 - REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL | 28 |
| 4 - METODOLOGIA | 32 |
| 5 - INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS (IEES-UNISANTOS) | 39 |
| 5.1 A organização para o trabalho de incubação | 39 |
| 5.2 O processo de incubação dos empreendimentos econômicos solidários | 41 |
| 5.3 O empreendimento incubado | 44 |
| 6 - RESULTADOS DA PESQUISA: A REDE DE RELAÇÕES NO PROCESSO DE INCUBAÇÃO | 47 |
| 6.1 Análise da rede de interações de jovens incubados | 53 |
| 6.2 Análise de competências dos atores na rede | 63 |
| 6.3 Relação dos jovens incubados com a equipe da IEES-UniSantos | 66 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 75 |
| REFERÊNCIAS | 78 |
| APÊNDICES | 83 |
| ANEXOS | 89 |

INTRODUÇÃO

As transformações socioeconômicas, políticas e culturais que vêm ocorrendo em diversos países ao longo das últimas décadas, alteraram as características do processo produtivo com a abertura de mercados, promoção da privatização de empresas, o aceleração do processo de desenvolvimento tecnológico e intensificação da competitividade que, por consequência, ocasionou mudanças no mundo do trabalho.

Uma das conseqüências dessas mudanças é o aumento da informalidade e a precarização das relações de trabalho, levando trabalhadores a buscarem alternativas de sobrevivência. Neste sentido, determinados grupos sociais, geralmente com baixa escolaridade e sem acesso à capacitação em tecnologias emergentes, que constituem-se propulsoras de novas oportunidades de trabalho, buscam alternativas de geração de renda tendo em vista interesses comuns.

A partir das necessidades dos grupos sociais que se encontram à margem do processo produtivo é que surge a Economia Solidária, resultado este de um movimento social que tem como objetivo a inclusão social como forma de promoção do bem-estar individual e coletivo. Nesta perspectiva que Culti (2009, p. 1) aponta que “o agir coletivo se coloca como uma alternativa possível para os trabalhadores que estão em sua grande maioria excluídos do mercado de trabalho formal e do consumo”, abrindo caminho para que sejam repensados não de forma dicotômica os vínculos entre o econômico e o social (GAIGER, 1999).

As ações no campo da Economia Solidária têm se constituído uma alternativa real de forma de trabalho coletivo e de resgate da cidadania, mostrando-se em alguns casos geradora de uma economia dinâmica e auto-sustentável. Para Scherer-Warren (1996, p. 15) são “formas alternativas de produção e de geração de renda encaminhadas pelos proponentes de projetos com uma dupla finalidade: a de se viabilizarem economicamente e a de serem espaço pedagógico de conscientização e de desenvolvimento da cidadania.” Segundo Singer (2002, p. 10) é “outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual.” Estas experiências têm representado um meio de elaborar projetos econômicos em comum

(FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2004), que se organizam sob o princípio da democracia e da solidariedade.

Contudo, práticas culturais individualistas e competitivas, estimuladas e mantidas na sociedade, compõem, em geral, o repertório dos membros dos empreendimentos solidários. Experiências profissionais em organizações tradicionais, hierárquicas, com ausência de experiências estruturadas de trabalho coletivo, constituem, geralmente, a realidade encontrada entre os trabalhadores, necessitando desenvolverem competências necessárias à implantação de um modelo de organizacional coletivo e autogestionário.

A autogestão consiste na autonomia dos membros de um empreendimento de decidir sobre destinos, processos e produtos do trabalho coletivamente (MELO NETO, 2006) e exige, através das relações entre os sujeitos envolvidos, o compartilhamento de informações e conhecimentos. As práticas da autogestão evidenciam a importância da rede de relacionamento no interior dos empreendimentos para o fortalecimento da coesão dos envolvidos, como forma de facilitar, reforçar e fortalecer o processo de relações de produção solidária.

As redes de relações podem ser vistas como “a estrutura do campo no interior do qual estão imersos os atores sociais e políticos relevantes em cada situação concreta” (MARQUES, 1999, p. 46), estruturadas a partir do compartilhamento e fluxo de informações, conhecimentos e experiências. Esta configuração em rede como interação de diversos atores sociais envolvidos como sujeitos do processo pode potencializar as ações de cada um, tendo em vista os objetivos coletivos, para que possibilite a percepção conjunta e superação dos problemas comuns.

A rede é a construção de uma nova realidade social, que resulta das relações estabelecidas entre os diversos atores e possibilita a superação dos limites da ação mediante a integração de conhecimentos e práticas de cooperação. É uma construção coletiva que se define na medida que é realizada (JUNQUEIRA, 2004). É um modelo descentralizado e reticular de organização que mobiliza horizontalmente os diferentes atores que a compõem, resgatando a autonomia de seus participantes e o compartilhamento de informações (NAJMANOVICH, 1995). Entende-se que a rede funciona como fluxos, cujas pessoas vinculam-se a outras por meio de significados e conteúdos. Para a recorrência destes fluxos num dado espaço de tempo, a confiança, a reciprocidade e a cooperação são essenciais

(DURSTON, 2002), criando linhas que configuram o ambiente e desenham a teia de relações e o mapa de pertencimento dos atores sociais.

Nesse contexto, é necessário promover aprendizagem coletiva e estimular o fluxo de informações e conhecimentos dos trabalhadores no âmbito de empreendimentos solidários, capaz de estimular as relações sociais baseadas na cooperação, na solidariedade e na satisfação e valorização dos trabalhadores, constituem os objetivos para quem assume a assessoria e fomento da Economia Solidária

Em 1990, atuando no apoio, assessoria e fomento à Economia Solidária, iniciou-se a participação das universidades neste movimento. Deste envolvimento, surgem as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP) que têm como propósito contribuir de forma efetiva para organização de grupos de trabalhadores, que necessitam de apoio técnico e capacitação para desenvolverem competências que gerarão condições de sustentabilidade dos empreendimentos incubados.

As ITCP são criadas, geralmente, no âmbito da extensão da Universidade, a partir da realização atividades de extensão, ensino e pesquisa. Como pesquisa, constitui-se na possibilidade de um espaço de construção e reconstrução do conhecimento sobre a realidade de forma compartilhada, visando a descoberta e experimentação de alternativas. O ensino é realizado por meio de um processo de construção dialógica com os trabalhadores envolvidos na criação, desenvolvimento e fortalecimento de seus empreendimentos solidários. Agregando docentes, discentes, pesquisadores e técnicos de diversas áreas do conhecimento, as Incubadoras são um espaço de transferência de tecnologias e troca de conhecimentos e experiências por meio de processo dialógico, possibilitando a interação entre sujeitos, grupo social e equipe da Incubadora, para a construção de relações que proporcionem aprendizado coletivo.

O processo dialógico de incubação se inicia com o diagnóstico realizado de maneira participativa, das demandas do grupo de trabalhadores que serão incubados. A partir do diagnóstico, inicia-se o planejamento e o estudo da viabilidade econômica do empreendimento, tendo em vista a capacitação, implantação e acompanhamento da consolidação do empreendimento, norteados pelos princípios da Economia Solidária. As atividades contribuem para a organização do grupo de trabalhadores que necessitam de apoio

técnico e administrativo para desenvolver seus conhecimentos, habilidades e atitudes, que propiciem a sustentabilidade do empreendimento.

O processo de incubação, que é uma tecnologia social, tem como objetivo romper a cultura individualista, na conquista da identidade cooperativa do grupo e na consolidação do empreendimento solidário. É um processo de diálogo entre o saber acadêmico e popular, construído a partir de diferentes pressupostos e interesses comuns. É uma construção e reconstrução permanente do conhecimento que depende da dinâmica das trocas entre os atores envolvidos no processo de reciprocidade e solidariedade, envolvendo uma rede de relações entre indivíduos, grupos e organizações.

Como ainda é incipiente a sistematização de conhecimentos sobre as relações em rede em que os grupos incubados desenvolvem no seu interior, constitui um desafio à compreensão dessa rede de relações que ocorre entre os trabalhadores e a equipe da incubadora.

Para tanto uma pergunta precisa ser respondida: De que maneira o processo de incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários potencializa as relações sociais entre os membros dos grupos incubados? Esta questão inicial desdobra-se em outras complementares: Como se estabelecem as relações entre os atores? Quais são os principais atores da rede? Que papel estes atores desempenham? Quais são os recursos mobilizados nas relações ?

A pesquisa que será objeto desta dissertação buscará responder essas perguntas, tendo como realidade empírica observada no grupo de jovens, oriundos de projeto Oficinas Querô, incubados, durante o período de junho de 2008 ao mês de agosto de 2009 na Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da Universidade Católica de Santos (IEES-UniSantos). Na Universidade Católica de Santos, a Incubadora surgiu a partir de um grupo de estudos do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas e Terceiro Setor (NEPPS), vinculado ao Programa de Mestrado em Gestão de Negócios. A Incubadora foi criada em 2007, como programa de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade, envolvendo docentes e discentes de diversas áreas do conhecimento e atuando junto à comunidade da região da Metropolitana da Baixada Santista (RMBS).

A RMBS é uma região com peculiaridades econômicas bastante distintas das demais do estado, por abrigar o maior porto da América do Sul e por receber correntes migratórias vindas de diversas regiões do país, principalmente das regiões Norte e Nordeste. A atração dessas correntes migratórias deve-se principalmente, ao pólo industrial de Cubatão, a partir da década de 50, do século XX, época em que se iniciou a construção da Unidade da Petrobrás e da Siderúrgica Cosipa, e das empresas petroquímicas Dow Química e Ultrafertil. Seu crescimento populacional resultou em um processo desordenado de aglomeração urbana, permeado de fortes desigualdades socioeconômicas.

Dadas as peculiaridades socioeconômicas da região há necessidade de adoção de políticas de inclusão social adequadas às transformações tecnológicas e ao desenvolvimento de critérios de sustentabilidade nas propostas de geração de trabalho e renda para inclusão da população excluída do mercado de trabalho. Segundo Culti et al. (2009, p. 2) “[...] trata-se de uma rede de iniciativas que busca fazer frente à crise do trabalho formal assalariado por meio da geração de novas formas de produção, trabalho e renda, a qual se vem denominando Economia Solidária.”

Nessa perspectiva, esta dissertação tem como objetivo identificar a estrutura de relacionamento no processo de incubação da Incubadora de empreendimentos econômicos solidários da Universidade Católica de Santos (IEES-UniSantos), tendo como unidade de análise o grupo de jovens oriundos do projeto Oficinas Querô, identificando os atores, suas características e vínculos que estabelecem entre si e destes com os membros da equipe de incubação. A pesquisa propõe gerar novos conhecimentos tanto para as entidades de assessoria e fomento à Economia Solidária quanto para as pessoas que assumem o desafio de gerir coletivamente o seu negócio.

A dissertação está organizada em sete capítulos. O primeiro capítulo é dedicado a um breve discussão sobre a Economia Solidária no Brasil. Com base em uma síntese de como está constituída a economia solidária no cenário brasileiro. No segundo capítulo, discute-se o papel das Incubadoras de Empreendimentos da Economia Solidária e em seguida, no terceiro capítulo aborda-se redes e capital social. No quarto capítulo é descrita a Metodologia, que detalha os métodos de pesquisa utilizados nessa dissertação, relacionando métricas e medidas para avaliar atores e agregados, que serão úteis na interpretação dos dados. São definidos atores e vínculos que serão pesquisados e cenários que serão analisados.

No quinto capítulo dá início os resultados da pesquisa apresentando a IEES-UniSantos. No sexto capítulo são apresentados os dados da pesquisa: a rede de relações no processo de incubação e a análise dos resultados. As conclusões da pesquisa, visualizando o papel dos diversos atores da rede e a densidade de suas relações, permitindo verificar as características dos jovens com centralidade na rede.

1. ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL

A Economia Solidária compreende práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de autogestão, ou seja, pela propriedade coletiva dos meios de produção de bens ou prestação de serviços, pela participação democrática nas decisões dos membros da organização ou empreendimento, e pela distribuição equitativa dos resultados do trabalho, de acordo com a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) subordinada ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

A Economia Solidária tem sido uma resposta importante aos trabalhadores em relação às transformações ocorridas no mundo do trabalho. No Brasil, são muitas organizações coletivas, organizadas sob forma de autogestão que realizam atividades de produção de bens e de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio e consumo solidário. Trata-se de uma alternativa de inclusão social pela via do trabalho e de renda, combinando a cooperação, a autogestão e a solidariedade na realização de atividades econômicas (SENAES, 2009).

A Economia Solidária vem se transformando em um mecanismo de geração de trabalho e renda, como oportunidade de construção de alternativas que possibilitem o acesso ao mercado de trabalho, na perspectiva da conquista da cidadania. Aponta para uma lógica de desenvolvimento sustentável com geração de trabalho e distribuição de renda, com inclusão social.

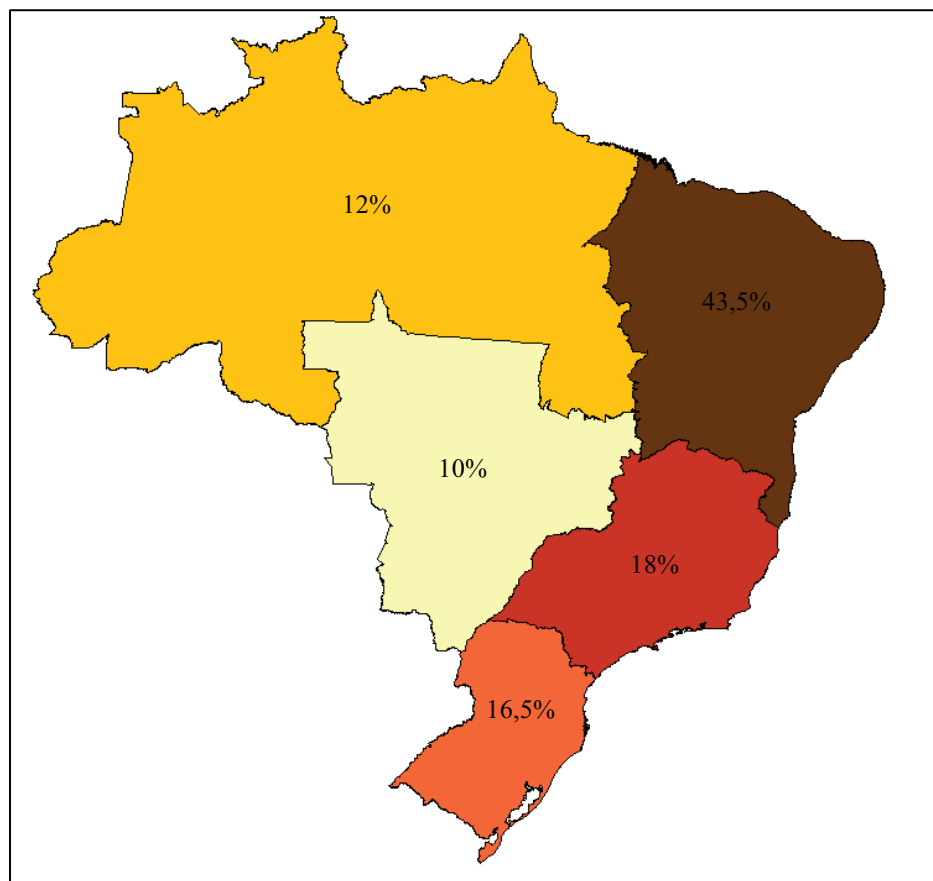
Os empreendimentos da Economia Solidária (EES), caracterizados por organizações urbanas ou rurais, de produtores, de consumidores e de crédito, fundamentados na livre associação, no trabalho cooperativo, na autogestão e no processo decisório democrático. Para Singer (2002) empreendimentos solidários são organizações de trabalho cujas características básicas são a propriedade coletiva ou associada ao capital e o direito à liberdade individual, nos quais os trabalhadores são, simultaneamente, donos de seu próprio negócio, sendo as cooperativas as formas mais conhecidas desse tipo de empreendimento. Segundo Veronese (2009), esses empreendimentos têm surgido, no Brasil, a partir da década de 1990, como forma alternativa de geração de trabalho e renda para segmentos excluídos da

população e centrar-se nas possibilidades de transformação das relações de poder existentes como dominação para a forma de relações de autoridade compartilhada.

O mapeamento da Economia Solidária no Brasil, denominado Sistema Nacional de Informações sobre Economia Solidária (SIES), foi organizado no MTE pela SENAES, com apoio do Fórum Brasileiro de Economia Solidária. O processo de mapeamento teve início em 2004 e os dados coletados indicam que houve um crescimento da Economia Solidária no Brasil a partir de 1990.

A partir do mapeamento pode-se conhecer o perfil da Economia Solidária no Brasil considerando 21.850 empreendimentos cadastrados em 2.934 municípios que corresponde a 52% do total dos municípios do Brasil. Este perfil aponta para uma concentração de empreendimentos na região Nordeste, cabendo para região Sudeste 18%, conforme apresentado na Ilustração 1.

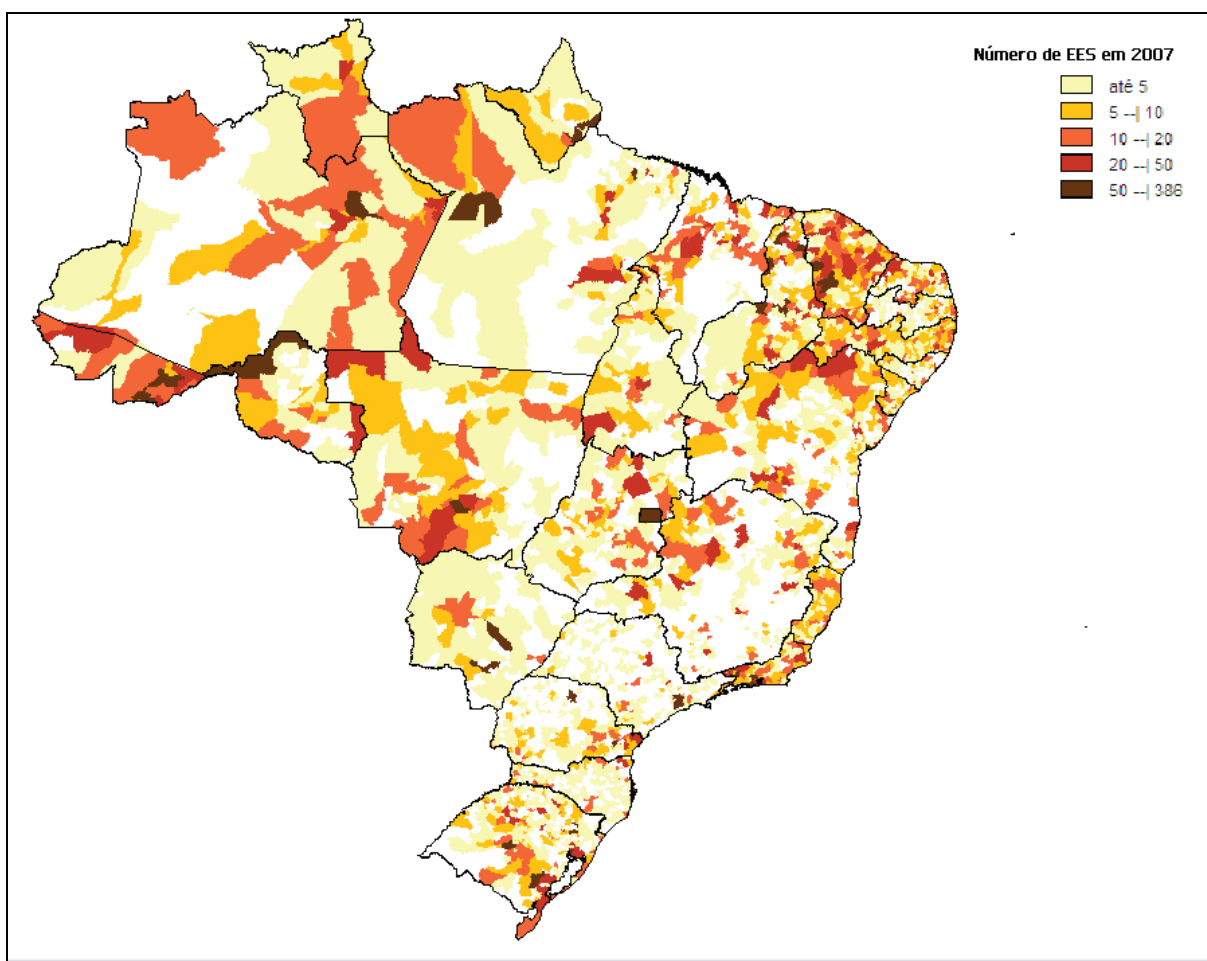
Ilustração 1 - Distribuição dos empreendimentos da Economia Solidária no Brasil



Fonte: Secretaria Nacional de Economia Solidária, 2007.

A distribuição de 21.850 EES por região e seus municípios pode ser observada na Ilustração 2 que trabalha com as informações por intervalos de números de empreendimentos.

Ilustração 2 - Número de empreendimentos econômicos solidários por município no Brasil



Fonte: Secretaria Nacional de Economia Solidária, 2007.

Os dados indicam, também, que nos 21.850 EES encontram-se 1.687.035 pessoas, sendo 63% do sexo masculino e 47% do sexo feminino, atuando nas áreas rurais (48%), urbanas (35%) e rurais e urbanas (17%). As formas das organizações estão assim distribuídas: 52% está organizado na forma de associações, 36,5% são grupos informais, 10% cooperativas e 1,5% distribuídos entre empresas autogestionárias e redes.

Considerando as atividades econômicas desses empreendimentos, o mapeamento apontou que as mesmas estão distribuídas entre as atividades agropecuárias, extrativistas e pesca, alimentos e bebidas, artefatos artesanais, têxtil e confecções, serviços, atividades industriais, coleta e reciclagem de materiais, fitoterápicos, limpeza e higiene, crédito e finanças solidárias e outros, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Distribuição das atividades econômicas dos empreendimentos econômicos solidários

| Produtos agrupados por tipo de atividade | EES (%) |
|---|----------------|
| Agropecuária, extrativismo e pesca | 41 |
| Alimentos e bebidas | 17 |
| Artefatos artesanais | 17 |
| Textil e confecções | 10 |
| Serviços | 7 |
| Atividades industriais | 2 |
| Coleta e reciclagem de materiais | 2 |
| Fitoterápicos, limpeza e higiene | 2 |
| Crédito e finanças solidárias | 1 |
| Outros (produção e serviços) | 1 |
| Total | 100 |

Fonte: Secretaria Nacional de Economia Solidária, 2007.

No mapeamento realizado pela SENAES foram elaboradas perguntas com possibilidades de múltiplas respostas, com o intuito de identificar-se os motivos de criação dos EES. Obteve-se como respostas os motivos mencionados no Quadro 2. Salienta que a soma das porcentagens ultrapassa 100%, dada a possibilidade de múltiplas respostas à pergunta.

Quadro 2 - Motivos de criação dos empreendimentos econômicos solidários

| Motivos de criação dos EES | EES (%) |
|--------------------------------------|----------------|
| Alternativa ao desemprego | 46 |
| Complemento de renda | 44 |
| Melhores ganhos com ação associativa | 36 |
| Possibilidade de gestão coletiva | 27 |
| Condição para acesso a crédito | 25 |

Fonte: Secretaria Nacional de Economia Solidária, 2007.

No mapeamento também foram identificadas 22.876 entidades de apoio, assessoria e fomento à Economia Solidária que atuam em todo país e, dentre elas, 1.201 são universidades. Verifica-se que a participação relativa das entidades de apoio nas regiões é semelhante à participação relativa dos empreendimentos, com maior concentração na região Nordeste (43,15%).

As universidades vem desenvolvendo um papel representativo na Economia Solidária cabendo, então, a discussão sobre a Universidade e a Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários.

2. A UNIVERSIDADE E A INCUBADORA DE EMPREENDIMIENTOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

A Universidade é um espaço de geração de conhecimento e intervenção social, não somente, forma os futuros líderes e profissionais de uma nação, como é também uma referência, uma fonte de legitimação. É um ator social, sendo uma de suas atuações contribuir para uma sociedade inclusiva de conhecimento e de educação contínua, possibilitando que inovações se tornem produtos, acessíveis a toda à sociedade.

A atuação das universidades brasileiras na Economia Solidária tem início com ações de combate à pobreza, ocorrida na primeira metade da década de 1990. Estas ações, lideradas pelo sociólogo Herbert José de Souza, iniciaram-se com a campanha Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida (ACMV), que conseguiu aglutinar inúmeros setores e entidades da sociedade civil brasileira. Na primeira fase desta campanha foram arrecadados e distribuídos alimentos para suprir a fome de milhões de pessoas que viviam em extrema pobreza. A ampliação das iniciativas, com o objetivo de implementar a geração de trabalho e renda junto às comunidades empobrecidas, principiou a segunda fase da ACMV, levando os professores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em parceria com a Universidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, criarem uma cooperativa popular. Surgindo, desta forma, a Cooperativa de Trabalhadores de Manguinhos formada por moradores da região da Maré - RJ objetivando prestar serviços para a própria Fiocruz.

A experiência de Manguinhos incentivou professores e alunos do Centro de Pós-Graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro a criarem, em 1995, a primeira Incubadora Tecnológica de Cooperativa Popular (ITCP), abrindo um novo conjunto de apoio às iniciativas de geração de trabalho e renda, transformando-se num modelo de extensão da Universidade no combate ao desemprego e a exclusão social (BOCAYUVA, 2002).

Com a proposta de transformação do homem na realidade em que vive, torna-se significativo o papel da Universidade oferecendo apoio às iniciativas da Economia Solidária por meio da realização de pesquisas, extensão e transferência de tecnologia, com

ações desenvolvidas pelas Incubadoras Universitárias que envolvem professores, pesquisadores, técnicos e discentes.

As ITCsPs, estimulando a geração de trabalho e renda de forma sustentável, têm sido um importante meio para reduzir a exclusão social nos municípios onde atuam. Desempenhando suas ações na perspectiva do desenvolvimento local, transferem o conhecimento científico mediante um processo de integração social que favorece a população na conquista de seus direitos sociais e honrar os deveres de cidadãos (GALLO; MARTINS; PERES, 2005).

O trabalho desenvolvido nas incubadoras é uma permanente construção e reconstrução de conhecimento por meio do processo prático educativo de organização e acompanhamento sistemático a grupos de trabalhadores interessadas na formação e consolidação de empreendimentos econômicos solidários (CULTI et al., 2009).

O processo educativo na incubação é objeto do relacionamento entre o saber popular, trazido pelos trabalhadores incubados, e o acadêmico ou científico, trazido pela equipe da Incubadora. É um processo que se dá pela reciprocidade na produção de conhecimento, no qual o saber popular e o saber científico inter-relacionam-se em uma reconstrução permanente em rede. Sendo assim, o conhecimento é gerado da vivência por meio das ações interativas entre os atores envolvidos para a produção de saberes, na perspectiva da troca solidária, que busca a cooperação tendo em vista a emancipação dos sujeitos. A ação educativa na prática de incubação é uma relação interpessoal, onde os sujeitos dedicam-se coletivamente a compreender uma dada realidade e produzir um saber diferenciado sobre ela.

Esta atividade compreende a organização, a formação e o acompanhamento, bem como a assessoria técnica e administrativa, orientada na participação e construção coletiva, através da valorização do saber plural.

A compreensão da rede de relacionamentos, a partir da ótica do próprio sujeito no processo de construção e desconstrução do saber, é o de reconhecer as estratégias de intervenção no enfrentamento das situações sociais, onde cada ator desempenha seu papel, interagindo com outros atores e intervindo na realidade social.

As incubadoras universitárias, em geral, organizam o processo de incubação em três etapas: pré - incubação, incubação e desincubação.

A pré-incubação é o período em que são desenvolvidas ações com os grupos sociais no início da, ainda, possibilidade de parceria. Este período constitui-se de duas fases: sensibilização e diagnóstico participativo. A sensibilização inicia-se com reuniões de aproximação efetiva com o objetivo de apresentar a equipe da Incubadora, os participantes do grupo social e as razões que levaram ao encontro das pessoas interessadas. Posteriormente, é realizada a formação em Economia Solidária, que aborda e debate os conceitos e práticas de autogestão, cooperativismo, associativismo, seus preceitos, aspectos e organização. Na fase seguinte, diagnóstico participativo, identifica-se competências profissionais e necessidades do grupo social, sendo realizado um estudo de viabilidade econômica, social e de sustentabilidade do empreendimento, e avaliação dos trabalhos realizados, apresentando alternativas e decisão sobre a atividade fim do empreendimento. Nesta fase, é importante aprofundar as relações entre todos para que este diagnóstico seja apropriado pelo coletivo envolvido.

A incubação inicia-se com a assinatura do termo de compromisso entre o grupo social e a Incubadora, e apresentação do plano de trabalho com as ações relativas a cada etapa do processo de incubação. Na incubação, realiza-se a etapa de planejamento com formação sobre trabalho, autogestão e organização dos empreendimentos econômicos solidários.

Após essa fase inicia-se a etapa de acompanhamento e reciclagem que engloba a educação continuada em Economia Solidária e Cooperativismo, capacitação técnica e administrativa, bem como a elaboração e desenvolvimento de rotinas de trabalho do empreendimento. Além disso, discute-se as parcerias, apoios, intercâmbios e convênios, com outros movimentos sociais, e instituições públicas e privadas. A legalização do empreendimento, nesta fase, demanda a elaboração do estatuto e regimento interno do empreendimento. Durante a fase de incubação e desincubação é realizado acompanhamento sistemático, técnico e administrativo, dos trabalhos realizados.

A desincubação é o período de desligamento gradativo do empreendimento com a Incubadora. Nesta etapa objetiva-se a consolidação e inserção do empreendimento no mercado.

Um aspecto importante no processo de incubação de empreendimentos é o desenvolvimento do fluxo e a transferência de informações, conhecimentos e experiências. Por isso, a formação e capacitação devem ser acompanhados de investimentos que facilitem a construção de rede de relacionamentos entre os atores envolvidos no processo. A construção e manutenção da rede de comunicação e relacionamento possibilita a troca de saberes e disponibiliza recursos, como conhecimentos, informações, oportunidades para os atores envolvidos no processo. Isso implica no aumento da interação social do grupo, favorecendo o desenvolvimento e ampliação do capital social. Portanto, o desenvolvimento do capital social depende de um apoio significativo para que haja construção e manutenção dos relacionamentos.

3. REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL

Abordagens de redes sociais têm sido utilizadas para estudos de relacionamentos entre entidades sociais e de implicações de seus padrões de relacionamentos.

A rede social é um conjunto de agentes e de relações que incluem laços familiares, amizade, contextos de trabalho, confiança e dependência (WASSERMAN; FAUST, 1999), o que corrobora com o conceito apresentado por Mercklé (2004 *apud* PORTUGAL, 2007, p. 23) que rede social é “um conjunto de unidades sociais e de relações diretas e indiretas, entre unidades sociais, através de cadeias de dimensão variável.”

No entanto, para Marteleto (2001) rede social é um conjunto de participantes autônomos, unindo idéias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados. Sua construção é efetivada entre seres sociais autônomos, articulando pessoas e instituições que compartilham objetivos, que orientam suas ações e se comprometem em superar de maneira integrada os problemas sociais, respeitando a autonomia e as diferenças de cada membro (JUNQUEIRA, 2008).

Já para Dabas e Najmanovich (1995) rede social é uma associação de pessoas que se identificam em compartilhar objetivos comuns. Segundo as autoras, a intervenção mediante um processo que promove a reflexão sobre práticas que incentivem a autogestão, níveis crescentes de independência e fortalecimento da organização social descentralizada e horizontalizada em grupos sociais possibilita que o grupo-objeto se transforme em grupo-sujeito no processo. Como organização social descentralizada e horizontalizada, a posição dos indivíduos nas redes sociais é interdependente em relação a todas as outras posições dos demais indivíduos e de seus elos. Desta forma a posição estrutural que cada pessoa tem em uma organização é resultando da rede de relacionamentos (MARTELETO, 2007).

Segundo Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005), as redes, também, funcionam como espaços para o compartilhamento de informações e conhecimentos. São espaços de exercício democrático, a partir da relação interpessoal e da gestão compartilhada do poder

numa perspectiva estrutural, reticular e relacional. Essa estrutura possibilita a transferência e apreensão cognitiva entre os integrantes por meio de uma lógica não aditiva, mas combinatória inscritas nos atos e processos de informar, conhecer e comunicar.

Estudos sobre redes sociais mostram como esta perspectiva estrutural reticular condiciona o acesso dos indivíduos a diversos recursos, como demonstrado por Granovetter (1973) em seus trabalhos sobre o papel das redes sociais no acesso ao emprego. O autor mostrou como determinados tipos de laços permite estabelecer pontes entre diferentes grupos sociais, possibilitando o indivíduo sair do meio social em que se insere e acessar informações e contatos que se situam em outros meios.

O conhecimento articulado, a partir dos relacionamentos entre os membros de uma rede, possibilita ações que reforçam a rede, aumentando a probabilidade de que determinados eventos aconteçam sob determinadas circunstâncias, permitindo um planejamento eficiente e uma conseqüente transformação dos vínculos em capital social (CASTRO, 2008).

Neste sentido, o relacionamento em rede promove condição necessária ao desenvolvimento de projetos coletivos, bem como estimula as competências pessoais de seus integrantes, proporcionando o fortalecimento da capacidade organizacional, o aumento da eficiência organizacional, a eficácia social dos grupos e a ampliação do capital social. A discussão sobre redes sociais remete ao capital social, que explica a capacidade de um grupo ou comunidade para produzir ação coletiva com eficácia (PRATES; CARVALHAES; SILVA, 2007).

Nos estudos sobre o capital social desenvolvidos a partir dos anos 80, destacam-se três teóricos ligados ao conceito de capital social: Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam. O entendimento teórico e conceitual de cada um dos autores está apresentado Quadro 3.

Quadro 3 - Conceito de capital social e suas tradições teóricas

| | Dimensões | Autores | Ênfase | Gerado | Unidade de análise sociológica | Natureza da produção |
|-------------------|---|----------------|--|--|---------------------------------------|-----------------------------|
| Ligações Externas | Individualista | Bourdieu | no caráter individual | pela redes de relações sociais, mas são os indivíduos que delas participam que usufruem para interesses próprios | Rede de relações | Coletiva |
| Ligações Internas | Normativa - associativo ou culturalista | Putman | no papel de valores e normas como definidores de atitudes voltadas para interesse coletivo | pela internalização de valores de uma cultura cívica | Indivíduo | Coletiva |
| | Interacionista | Coleman | nas relações sociais | pela forte densidade da consciência coletiva | Indivíduo | Coletiva |

Fonte: Adaptado de Prates; Carvalhaes; Silva, 2007.

Pierre Bourdieu, ao teorizar sobre a reprodução das relações de classes por meio de mecanismos culturais, atribui destaque ao capital social em sua análise. Para o autor, o capital social é a soma dos recursos reais ou potenciais, que revertam para um indivíduo ou um grupo, em virtude de possuir uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento mútuo. Boudieu salienta que o volume do capital que um indivíduo possui depende da extensão de rede de relações que ele pode mobilizar, como também, do volume do capital econômico, cultural ou simbólico possuído por cada um daqueles a quem ele está ligado (BOURDIEU, 2005). Este conceito enfatiza o caráter individual do uso do capital que é gerado pelas redes de relações sociais.

Já Coleman e Putman tratam o capital social com uma abordagem semelhante. Para eles, o capital social é um recurso coletivo fundamentado nas normas e redes de intercâmbio entre os indivíduos.

Putman, conceituando capital social, enfatiza a tradição normativo-associativa e centra em uma definição tipicamente culturalista, que “refere-se a conexões

entre indivíduos - como redes sociais, normas de reciprocidade e confiança que delas emergem.” (PUTMAN, 2000).

Para Coleman, capital social é um recurso para o indivíduo que pertence a uma determinada estrutura. Para o autor, capital social é um processo não intencional definido como “os recursos socio-estruturais que constituem um ativo de capital para o indivíduo e facilitam certas ações de indivíduos que estão dentro dessa estrutura” (COLEMAN, 1990), evidenciando a importância das conexões sociais na sua construção. Nesta perspectiva, capital social é entendido como o capital apreendido nas relações sociais, e visto “como um bem social em virtude das conexões dos atores e do acesso aos recursos da rede ou grupo de que eles fazem parte.” (LIN 2001 *apud* PORTUGAL, 2007, p. 16).

Portanto, é no contexto das relações sociais que o volume de capital social cresce entre os membros da rede proporcionalmente ao aumento do estoque de confiança para criação de ação coletiva (PRATES; CARVALHAES; SILVA, 2007). Dessa forma, torna-se evidente a estrutura de rede relacionada ao capital social, definindo como um recurso do grupo social, construído pelas redes de relações, ou seja, pelos vínculos entre as pessoas, uma vez que se encontra, não nas pessoas em si, mas nas relações entre elas.

Mas Albagli e Maciel (2005) salientam que a difusão e o compartilhamento de informações e conhecimentos requerem que os atores estejam conectados e que haja canais ou mecanismos de comunicação que propiciem fluxos de conhecimento e, conseqüentemente, o aprendizado interativo. Para as autoras, o aprendizado não se limita a ter acesso a informações, consiste na aquisição e construção de competências concebidas como processo dinâmico de relações sociais em rede. O capital social está, portanto, intimamente relacionado ao aprendizado interativo e à cooperação, podendo ainda facilitar as ações coletivas.

4. METODOLOGIA

A pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo caracteriza-se como um estudo de caso que tem como objeto as relações entre os atores envolvidos no processo de incubação de empreendimentos da Economia Solidária. A aplicação do estudo de caso é adequada como técnica de investigação quando o objetivo da pesquisa é conhecer fenômenos sociais atuais e complexos, como também, para compreender como e porque se estabelecem determinados processos e se configuram certas relações e estruturas (YIN, 2001). Esta pesquisa tem como base de estudo as relações interpessoais no processo de incubação desenvolvido na Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da Universidade Católica de Santos (IEES-UniSantos).

A IEES-UniSantos, criada como programa de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade, desde setembro de 2007, atua junto à comunidade da Região Metropolitana da Baixada Santista mediante a incubação de empreendimentos econômicos solidários de diferentes atividades econômicas, aliando intervenção e produção de conhecimentos. Esta escolha justifica-se por ser esta Instituição a precursora na organização de uma incubadora para empreendimentos da Economia Solidária na região.

A preocupação central da pesquisa é analisar a rede de relacionamento que se estruturou e desenvolveu-se no processo de incubação, verificando de que maneira o processo potencializa as relações sociais entre os membros dos grupos incubados. A pesquisa foi desenvolvida a partir do pressuposto de que a posição de cada ator na rede influencia o comportamento dos outros atores envolvidos no processo, gerando novas possibilidades enquanto grupo na conquista da identidade cooperativa. Para alcançar tal objetivo realizou-se a verificação do processo de incubação e identificação dos atores envolvidos, bem como identificação dos vínculos construídos e análise da rede de relacionamentos resultante do processo.

Inicialmente, realizou-se levantamento bibliográfico para ampliar o quadro teórico voltado à Economia Solidária, à incubação social, às redes sociais e ao capital social. Em seguida, para verificação das etapas e atividades desenvolvidas no processo de incubação,

identificação dos envolvidos e delimitação do grupo a ser analisado foi efetuada coleta dos documentos e relatórios de atividades da Incubadora.

A população estudada foi o grupo de jovens atendido, na Incubadora, no período de junho de 2008 a agosto de 2009. Neste período, a Incubadora atendeu inicialmente um grupo de 45 jovens, mas nem todos continuaram no grupo. Dos 45 jovens, 25 jovens permaneceram e participaram do processo de incubação. As relações estabelecidas entre esses jovens que permaneceram e participaram do processo de incubação foram o objeto da pesquisa. Os jovens, com formação artística para produção de audiovisual, almejavam criar uma cooperativa de prestação de serviços na área de audiovisual.

Com o objetivo de identificar e caracterizar os vínculos entre os jovens do grupo, bem como os vínculos dos jovens com a equipe da Incubadora estabelecidos durante o processo de incubação, foi elaborado um formulário utilizado nas entrevistas realizadas.

O instrumento da pesquisa (Apêndice 1) contendo 44 questões¹ com respostas abertas e fechadas referem-se ao perfil socioeconômico dos atores, aos vínculos entre os atores, à frequência e aos motivos que propiciam a integração dos mesmos e à percepção dos atores sobre o processo vivenciado.

O formulário foi aplicado durante entrevistas realizadas individualmente a 20 jovens. Os demais jovens não entrevistados (05) não foram incluídos no estudo, em virtude da dispersão destes do grupo. Optou-se pela entrevista pessoal em virtude de propiciar explicações mais detalhadas e confiança no processo. Salienta-se que para a garantia da confidência dos dados coletados na entrevista, foi realizada a codificação dos nomes dos atores de acordo com a seguinte denominação: “A” seguido de numeração sequencial para codificação dos nomes dos indivíduos e “B” seguido de numeração sequencial para codificação dos nomes dos integrantes da equipe da Incubadora.

Para estruturação e análise da rede de relacionamento utilizou-se o programa NodeXL, pacote adicional para o Microsoft Excel 2007. NodeXL é um pacote livre e de código aberto de análise de rede social, com a funcionalidade integrada de importação de

¹ Salienta-se que algumas das questões não serão tratadas em virtude da relevância do objeto deste estudo.

outros formatos de ferramenta de análise de rede social como: UCINET, graphML, Pajek e CSV. Para análise das redes de relacionamentos, também, utilizou-se o programa Microsoft Excel 2007. Este programa foi utilizado para elaboração e comparação dos gráficos das métricas das redes de relacionamentos mapeadas.

A análise de redes sociais não é uma teoria e nem tampouco um conjunto de técnicas estatísticas complexas, mas uma estratégia analítica para investigar estruturas sociais passíveis de utilização à luz de diferentes perspectivas conceituais e teóricas (LAVALLE; CASTELLO; BICHIR, 2008 e MARTELETO, 2001). A estratégia analítica adotada permite “analisar a estrutura social a partir de uma perspectiva relacional e (re)colocando no centro do questionamento o elemento básico da sociologia: a interação social.” (PORTUGAL, 2007, p. 30).

Contudo, na análise de redes sociais desta pesquisa, métricas de redes sociais foram utilizadas como ferramenta metodológica, requerendo que alguns conceitos e terminologias básicos como ator, elos relacionais, díade, tríade, subgrupo, relação, rede social, distância geodésica e pontes sejam entendidos, conforme Quadro 4.

Quadro 4 - Conceitos e terminologias utilizados em análise de redes sociais

| Terminologia | Conceitos |
|--|--|
| Ator (<i>actor</i>) | Indivíduos ou grupos de indivíduos, corporações, comunidades, departamento. |
| Elos relacionais (<i>relational ties</i>) | Tipo de relação que estabelece uma conexão ou troca de fluxos entre dois atores. |
| Díade (<i>dyad</i>) | Par de atores e o possível elo entre estes. |
| Triade (<i>triad</i>) | Subgrupo de três atores e os possíveis elos entre estes. |
| Subgrupo (<i>subgroup</i>) | Qualquer subgrupo de atores, qualquer tamanho, e os elos entre eles. |
| Relação (<i>relation</i>) | Coleção de elos de um determinado tipo entre membros de um grupo. |
| Rede social (<i>social network</i>) | Conjunto finito de atores e suas relações. |
| Distância geodésica (<i>geodesic distance</i>) | Menor distância (medida em caminhos) entre dois nós. |
| Pontes (<i>bridges</i>) | Linhas cuja remoção divide o grafo em subgrafos desconectados. |

Fonte: Adaptado de Duarte; Quandt; Souza, 2008.

O programa NodeXL utilizado no estudo fornece recursos de visualização por meio de representações gráficas e um conjunto de métricas para análise da rede social. As métricas podem ser calculadas de forma individual, ou seja, para cada ator ou de forma conjunta com foco em toda a rede. Tendo em vista o objetivo do estudo, as métricas utilizadas foram: densidade, grau de centralidade, centralidade de intermediação, centralidade de proximidade, centralidade de autovetor, coeficiente de agregação (Quadro 5).

Quadro 5 - Métricas para análise de redes sociais utilizadas no estudo

| Métricas | Descrição | Variação | Calculado para cada ator | Calculado para rede completa |
|-------------------------------|--|----------|--------------------------|------------------------------|
| Densidade | Mede a conectividade da rede, indicando como inter-relacionados os atores estão na rede. | 0 a 1 | | x |
| Centralidade de Grau | Consiste no número de atores com os quais um ator está diretamente relacionado. | ----- | x | |
| Centralidade de Intermediação | Trata-se da possibilidade que um ator tem para intermediar comunicações entre os demais atores na rede. O ator, que desempenha este papel, é também conhecido como “ator-ponte”. | ----- | x | |
| Centralidade de Proximidade | Representa a capacidade que um ator tem de alcançar os demais atores da rede. Baseado na distância geodésica ² de cada ator com todos os demais, considerando-se as distâncias diretas e indiretas. | ----- | x | |
| Centralidade de Autovetor | Identifica os atores mais centrais na rede de forma global. | 0 a 1 | x | |
| Coefficiente de agregação | Mede o grau de agregação, ou seja, formação de <i>clusters</i> em uma rede. | 0 a 1 | x | |

Fonte: Adaptado de NodeXL, 2009 e Velázquez; Aguilar, 2005.

A densidade (*density*) revela como inter-relacionados estão os atores na rede. Esta métrica é definida como o produto da divisão do número de relações existentes pelo total de relações possíveis. A métrica varia de 0 a 1, indicando ausência total de interação e a presença de todas as conexões possíveis na rede.

Uma das métricas mais utilizadas na análise de redes sociais é a centralidade que pode ser vista como uma propriedade dos atores, inseridos em uma determinada rede (WASSERMAN; FAUST, 1999). A centralidade identifica os atores relevantes em uma rede social, ou seja, aqueles atores mais centrais.

O ator é central quando apresenta um número maior de conexões com outros atores na rede. A mensura é determinada pela métrica centralidade de grau (*degree* ou

² É o número de relações possível em um caminho mais curto de um ator a outro.

degree centrality). Entende-se que a métrica expressa o número de vínculos adjacentes que um ator possui com outros atores da rede (WASSERMAN; FAUST, 1999). A métrica, considerando apenas os relacionamentos adjacentes, revela somente a centralidade local dos atores. Em gráfico do tipo direcional, em que os vínculos não são considerados simétricos ou recíprocos, a métrica divide-se em grau de entrada (*in-degree*) e grau de saída (*out-degree*) dependendo da direção dos vínculos. O grau de saída é a soma das interações que os atores têm com os demais atores da rede. O grau de entrada é a soma das interações que os outros atores têm com o ator.

O ator será, também, central se ocupar posição estratégica na rede de uma forma geral. Neste sentido, há três métricas de centralidade empregadas na análise de redes desta pesquisa: centralidade de intermediação, centralidade de proximidade e centralidade de autovetor.

A centralidade de intermediação expressa a possibilidade que o ator tem para intermediar as comunicações entre os demais atores na rede. Segundo Freeman (1979) e, Wasserman e Faust (1999), um ator é intermediário quando conecta vários atores que não se vinculam diretamente a ele. Assim, esta métrica considera o controle que o ator, que atua como intermediário, possui sobre atores que dependem dele (FREEMAN, 1979). Então, a capacidade de interação de alguns atores da rede está relacionada diretamente com o nível de centralidade de intermediação de outros atores.

A centralidade de proximidade (*closeness centrality*) expressa a capacidade do ator vincular-se a todos os atores da rede. Baseada na distância geodésica de cada ator com todos os demais, considerando-se as distâncias tanto as diretas quanto as indiretas (HANNEMAN, 2001). Ao contrário das outras métricas de centralidade, a menor pontuação indica a posição mais central na rede. Além disso, esta métrica revela a potencialidade do ator de disseminar informações na rede.

Já a centralidade de autovetor (*eigenvector centrality*) identifica os atores mais centrais na rede de forma global quando usa a análise fatorial para ressaltar as dimensões da distância entre atores (HANNEMAN; RIDDLE, 2005). Este índice reflete a conexão de um ator muito conectado com outros atores também bem conectados na rede. Uma pessoa vinculada a muitas pessoas isoladas em uma organização terá um valor muito menor nessa

métrica do que às conectadas a outras que também tenham muitas conexões. Esta métrica sugere que uma pessoa bem conectada a pessoas também bem conectadas pode difundir informações muito mais rápido do que alguém que tenha apenas conexões com pessoas que possui poucas conexões em uma rede. Esta métrica varia de 0 a 1.

No que se refere ao grau de agregação da rede, utiliza-se a métrica de coeficiente de agregação (*clustering coefficient*). Esta métrica revela como atores vizinhos estão conectados uns aos outros, formando clusters em uma rede. Um ator completamente conectado, no qual todos o conhecem, possui valor 1 nesta métrica.

A coleta e análise dos dados, por meio dos métodos e métricas descritas, permitiu reunir elementos que possibilitaram identificar a estrutura, mobilização e dinamização da duas redes de relacionamento identificadas: rede de relacionamento do grupo de jovens incubados e rede de relacionamento do grupo de jovens incubados com a equipe de IEES-UniSantos. A comparação do grau de envolvimento de cada jovem, bem como visualizar a interação entre os diversos atores da rede social ocorrida no processo de incubação, possibilitou o entendimento da rede de relações estabelecidas entre os atores nesse processo.

As evidências observadas nas etapas realizadas foram confrontadas com o referencial teórico e com resultados obtidos nas análises, conforme relatados nos capítulos seguintes.

5. A INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS (IEES-UNISANTOS)

A Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da Universidade Católica de Santos (IEES-UniSantos) criada como programa de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Católica de Santos, atua junto à comunidade da Região Metropolitana da Baixada Santista desde setembro de 2007, mediante incubação de empreendimentos econômicos solidários de diferentes atividades econômicas, aliando intervenção e produção de conhecimentos. A Incubadora surgiu a partir de um grupo de estudos Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas e Terceiro Setor (NEPPS), motivados em proporcionar alternativas de geração de renda e promoção da cidadania à população excluída do mercado de trabalho da região. O programa de incubação é interdisciplinar e conta com a participação de três núcleos de estudos da Universidade: NEPPS - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas e Terceiro Setor, NEPEC - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação em Saúde Coletiva e NECOM - Núcleo de Extensão Comunitária, envolvendo docentes, discentes e técnicos de diferentes áreas do conhecimento.

5.1 A ORGANIZAÇÃO PARA O TRABALHO DE INCUBAÇÃO

A IEES-UniSantos, localizada no campus Vila Mathias da Universidade, utiliza uma área de aproximadamente 100 m² subdivididos em sede da Incubadora, salas de incubação dos empreendimentos atendidos e sala de reuniões. As aulas e oficinas de trabalho ocorrem neste espaço disponibilizado, e nas quinze salas de aulas equipadas com equipamento de multimídia disponíveis no campus. Este campus possui, ainda, laboratório de informática, biblioteca e dois auditórios para o atendimento dos empreendimentos incubados.

Os recursos para manutenção da IEES-UniSantos são obtidos de diferentes fontes. Da Universidade, a Incubadora conta com a infra-estrutura e parte de seus recursos

humanos - oito professores e um estagiário. Junto ao governo federal, a Incubadora foi contemplada em edital do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (Proninc), que objetiva utilizar o conhecimento e a capacidade existentes nas universidades para a constituição de empreendimentos econômicos solidários que proporcionem trabalho e renda, tendo como financiador a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Este convênio possibilitará o pagamento de um técnico e quatro estagiários, bem como participação da equipe em encontro estaduais e nacional de ITCP's. Do Município, a Incubadora obteve financiamento através do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) que viabilizou o pagamento de parte de seus recursos humanos - um técnico e um estagiário, bem como a aquisição de equipamentos e mobiliários necessários ao projeto.

A equipe executora da Incubadora, com o intuito de adaptar-se ao contexto social apresentado em cada grupo incubado e aos aspectos complexos de ensino-aprendizagem postos nesse novo território de organização empreendedora, dispõe de uma equipe interdisciplinar, com professores oriundos da área social e tecnológica, atuando desde a organização e formação em cooperativismo até a inserção do grupo no mercado de trabalho. A equipe conta com dezenove integrantes, dentre estes dez são docentes, sendo oito vinculados ao corpo acadêmico da Universidade e dois voluntários, além de um consultor técnico e nove discentes da graduação e pós-graduação dos cursos de Administração, Economia, Psicologia e Serviço Social. Os docentes são responsáveis pela gestão da Incubadora, bem como planejamento, execução das atividades, e produção de conhecimentos. Os discentes atuam na Incubadora como monitores nas atividades de pesquisa e trabalho de campo. O consultor técnico envolve-se nas atividades de planejamento, acompanhamento e monitoramento das atividades realizadas.

5.2 O PROCESSO DE INCUBAÇÃO DOS EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS

A incubação de empreendimentos norteadas pelo princípio da Economia Solidária tem como objetivo a organização e fortalecimento do grupo incubado com vistas a solucionar necessidades para que possa romper a cultura individualista, na conquista da identidade cooperativa do grupo e consolidação do empreendimento.

Para isso, a IEES-UniSantos tem como um de seus principais desafios do processo de incubação criar instrumentos pedagógicos e conteúdos didáticos, bem como mecanismos de transferência de conhecimento e tecnologia que contribuam para a conquista da autonomia do empreendimento solidário transcendendo os interesses e valores da sociedade capitalista em que o grupo está inserido.

O processo de incubação na IEES-UniSantos ocorre em um período de 24 meses, divididos em três fases distintas: pré-incubação, incubação e desincubação.

A pré-incubação, com duração de três meses, é o período onde são desenvolvidas ações com os grupos sociais no início da, ainda, possibilidade de parceria. Este período constitui-se de duas etapas: sensibilização e diagnóstico participativo. A sensibilização inicia-se com reuniões de aproximação efetiva com o objetivo de apresentar a equipe da Incubadora, participantes do grupo social e razões que levaram ao encontro das pessoas interessadas. Posteriormente, é realizada a formação em Economia Solidária, sendo abordados e debatidos os conceitos e práticas de autogestão, cooperativismo, associativismo, seus preceitos, aspectos e organização. Na etapa seguinte, diagnóstico participativo, identifica-se competências profissionais e necessidades do grupo social, sendo realizado um estudo de viabilidade econômica, social e de sustentabilidade do empreendimento, e avaliação dos trabalhos realizados, apresentando alternativas e decisão sobre a atividade fim do empreendimento. Nesta fase, é importante aprofundar as relações para que este diagnóstico seja apropriado pelo coletivo envolvido.

A incubação, com duração de 16 meses, inicia-se com a assinatura do termo de compromisso entre o grupo social e a Incubadora, e apresentação do plano de trabalho com

as ações de cada etapa do processo de incubação. Na incubação é realizada a etapa de planejamento com formação sobre trabalho coletivo, autogestão e organização do empreendimento, desenvolvimento do projeto visando ao mercado, planejamento estratégico do empreendimento e elaboração do plano de negócio e do plano de marketing com a participação de todos os associados do empreendimento. Após esta etapa, inicia-se a etapa de acompanhamento e reciclagem que engloba a educação continuada em Economia Solidária e Cooperativismo, capacitação técnica e administrativa, elaboração e desenvolvimento de rotinas de trabalho do empreendimento, além de articulações de parcerias e convênios com outros movimentos sociais e instituições públicas e privadas. Nesta fase é, também, elaborado estatuto e regimento interno do empreendimento, bem como a realização de assembléia de fundação, pagamento de taxas e envio de documentos aos órgãos competentes, visando à legalização do empreendimento.

Na desincubação, um período previsto de sete meses é a fase de desligamento gradativo do empreendimento. Nesta última fase objetiva-se a consolidação e inserção do empreendimento no mercado.

Durante a fase de incubação e desincubação é realizado um acompanhamento sistemático técnico e administrativo dos trabalhos realizados no empreendimento incubado. Durante todo o processo de incubação são efetuados acompanhamentos técnico e administrativo dos trabalhos realizados, sendo realizados relatórios de cada etapa, revisão do plano e procedimentos metodológicos adotado para incubação, bem como avaliação de desempenho do empreendimento incubado. O Quadro 6 permite visualizar as etapas e atividades do processo de incubação.

Quadro 6 - Etapas e atividades do processo de incubação

| | Etapas | Atividades |
|-----------------|--|--|
| Pré – Incubação | 1. Sensibilização | Reuniões iniciais; aproximação efetiva; apresentação da Incubadora |
| | 2. Diagnóstico Participativo | Identificação das competências profissionais, das necessidades do grupo conforme empreendimento pretendido |
| | | Estudo de viabilidade econômica, social e sustentabilidade do empreendimento |
| | | Diagnósticos, pareceres e encaminhamentos sociais e econômicos |
| | | Avaliação para passagem do grupo para fase de incubação |
| | Assinatura do termo de compromisso | |
| Incubação | 3. Planejamento | Prospecção de atividades econômicas passíveis de serem desenvolvidas pelo empreendimento |
| | | Desenvolvimento do projeto do empreendimento visando ao mercado |
| | | Planejamento estratégico |
| | | Plano de negócio e plano de marketing |
| | 4. Acompanhamento e reciclagem | Educação continuada |
| | | Capacitação técnica e para autogestão |
| | | Desenvolvimento de rotinas de trabalho |
| | | Elaboração de estatuto e regimento interno da cooperativa, bem como legalização do empreendimento |
| | | Assessoria técnico-administrativas aos trabalhos do empreendimento |
| | | Articulação de parcerias e convênios |
| | Elaboração de relatório parcial ao final de cada etapa | |
| Desincubação | 5. Avaliação | Revisão do plano de incubação |
| | | Avaliação de desempenho |
| | | Desligamento gradativo da cooperativa |
| | | Inserção e consolidação do empreendimento no mercado |

Fonte: Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da UniSantos, 2008.

Nessas etapas, para o desenvolvimento do empreendimento, ocorre um processo de construção dialógica, processo esse que envolve pessoas e organizações que “[...] se relacionam para responder demandas e necessidades da população de maneira integrada,

mas respeitando o saber e a autonomia de cada membro.” (JUNQUEIRA, 2008, p. 96). Para isso, é necessária a interação entre o conhecimento da equipe da Incubadora e do grupo social, para construir um novo saber que pode resultar na transformação de práticas cotidianas.

5.3 O EMPREENDIMENTO INCUBADO

O grupo incubado na IEES-UniSantos, no período de junho de 2008 a agosto de 2009, era formado por 25 jovens oriundos do projeto Oficinas Querô.

O projeto Oficinas Querô proporciona capacitação técnica na área audiovisual, voltado ao desenvolvimento de habilidades para uma transformação social. O projeto surgiu a partir da realização do longa-metragem Querô - produção da Gullane Filmes e direção de Carlos Cortez, filmado em 2006 na cidade de Santos/SP. O filme, baseado na obra do escritor e dramaturgo Plínio Marcos (1999), aborda a situação de vulnerabilidade social que se encontram milhares de adolescentes no país. Para a seleção do elenco de jovens, a produtora selecionou jovens amadores, moradores das regiões centrais e periféricas da Região Metropolitana da Baixada Santista, com a realização de 1.200 testes. Foram selecionados 200 jovens que participaram da oficina de seleção do elenco, dos quais 40 atuaram no filme Querô. A realização da oficina de seleção do elenco motivou a criação de um novo projeto, intitulado Oficinas Querô, voltado à formação artística para a produção audiovisual de jovens oriundos das regiões periféricas das cidades de Santos, São Vicente, Praia Grande, Cubatão e Guarujá. No projeto para estimular a ação empreendedora e valorização da cidadania nos jovens, são ministradas oficinas de roteiro, direção, produção, fotografia, informática, composição oral e cidadania, tendo como produto final a realização de curta-metragens (OFICINAS QUERÔ, 2009).

Os curta-metragens realizados pelos jovens conquistaram diversos prêmios em importantes festivais de cinema no país como Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, Festival de Cinema de Cuiabá, Festival de Cinema de Fortaleza, Festival de Doc Mogi, Festival de Cinema de Brasília, Festival Curta Santos. Apesar do reconhecimento

e valorização dos trabalhos realizados, cerca de 8% dos jovens conseguiram inserção no mercado de trabalho.

Diante deste cenário, um grupo de jovens capacitados, almejando a inserção no mercado de trabalho, decidiu construir um empreendimento econômico solidário que atuará na área de audiovisual, tendo como principais serviços: produção cinematográfica; produção de vídeos institucionais; vídeos publicitários; cobertura de eventos; marketing político.

No apoio e assessoria ao grupo de jovens para construção e o fortalecimento da identidade coletiva dos integrantes do empreendimentos solidários iniciou, em junho de 2008, a relação dos jovens com a IEES-UniSantos, dando princípio ao processo de incubação. Os jovens participaram do processo de incubação que envolve formação e capacitação para autogestão de empreendimentos da Economia Solidária. O processo de incubação divide-se em três etapas denominadas: pré-incubação, incubação e desincubação.

Na fase, denominada pré-incubação, as atividades consistiram no reconhecimento da equipe da Incubadora da UniSantos e do grupo que constituiria a cooperativa. Nessa etapa, com o objetivo de obter informações sobre o mercado em pretendiam atuar, os jovens realizaram pesquisa de mercado. A realização da atividade possibilitou aos jovens conhecerem empresários da área e avaliar as demandas do mercado regional de audiovisual.

Na etapa de incubação, discutiu-se com os jovens conceitos sobre Economia Solidária, cooperativismo e autogestão visando à compreensão da dimensão do trabalho cooperativo. Durante a etapa de incubação, os jovens desenvolveram, com a assessoria da equipe da Incubadora e da equipe das Oficinas Querô, a produção de dois vídeos institucionais. As produções foram solicitadas pela Prefeitura Municipal de Santos em comemoração ao 60º aniversário do Mercado Municipal de Santos e 100 anos de construção dos canais de Santos, possibilitando a equipe da Incubadora identificar a dinâmica da atuação profissional dos jovens. O processo de produção dos vídeos foi marcado pela autonomia do grupo na realização do trabalho solicitado. Para realização do serviço, os jovens vivenciaram as diversas etapas do processo de produção: contato com o cliente, negociação de produto e preço, planejamento da produção, definição da equipe, execução do trabalho e entrega do

produto. Durante a execução das etapas do processo de produção os jovens puderam vivenciar desafios do trabalho cooperativo.

No final desta etapa de incubação, observou-se que a relação desses jovens com o trabalho cooperativo, nem sempre se mostrou como uma alternativa. Ao contrário, em sua maioria queriam inserir-se individualmente, uma vez que esta opção lhes poderia ser eficaz. Isso revela que nem todos os trabalhadores se inserem nesse modelo de empreendimento. Os trabalhadores que geralmente se inserem na Economia Solidária estão mais acostumados e preparados para o trabalho simples e pouco qualificado, e não têm acesso a capacitação nas tecnologias emergentes.

De algum modo, isso corrobora o dilema apontado por Culti (2000) sobre adesão ao cooperativismo. Segundo a autora, existem forças que levam os trabalhadores a buscarem outros caminhos, não sendo àqueles dos empreendimentos solidários, levando o trabalhador a opção de atuar individualmente. Nesse sentido, pode-se dizer que, também, entre os jovens incubados no projeto prevaleceu a cultura de que é o patrão que estabelece diretrizes e o empregado segue as prescrições.

Para mudar essa cultura individualista e estimular a capacidade cooperativa e participativa, necessita-se de ações que alterem gradativamente a maneira de encarar as relações de trabalho para uma perspectiva cooperativa e autogestionária, valorizando o coletivo em detrimento do individual.

Os desafios numa trajetória de esforços para construção de uma cultura de trabalho coletivo, frente ao mercado que se apresenta como concorrencial e excludente é de reconhecer as estratégias de intervenção no enfrentamento das situações sociais e conquista da identidade coletiva do grupo.

6. RESULTADOS DA PESQUISA: A REDE DE RELAÇÕES NO PROCESSO DE INCUBAÇÃO

O capítulo apresenta os resultados da pesquisa da rede de relações do processo de incubação. Primeiramente, é analisada a rede de relacionamentos dos jovens incubados e, no segundo momento, as relações deste grupo com a equipe da IEES-UniSantos, que nesta pesquisa passa a ser denominada de rede ampliada.

A constituição do grupo de jovens formado por 25 participantes teve início em maio de 2008, objetivando a organização para capacitação de seus membros, que deixariam de trabalhar numa situação informal para formar uma cooperativa. Os jovens, até então beneficiados de um projeto social e capacitados na área de audiovisual, almejavam consolidar um empreendimento econômico solidário que ocorreu, em junho de 2008 ao iniciar-se a incubação do grupo de jovens.

Para dar suporte as necessidades oriundas para organização da cooperativa, o grupo passou a relacionar-se com a IEES-UniSantos, a equipe do projeto Oficinas Querô e a produtora de audiovisual Gullane Filmes - realizadora do projeto Oficinas Querô. A pesquisa está delimitada nas interações dos jovens entre eles e dos jovens com a equipe da IEES-UniSantos.

A pesquisa foi realizada a partir de levantamento de dados junto aos jovens incubados por meio de um formulário (Apêndice 1), para se compreender como se deu os relacionamentos dos participantes e a construção da rede no processo de incubação. Para caracterizar o perfil socioeconômico dos jovens que compõem a rede é apresentado a distribuição por gênero, estado civil, idade, escolaridade, renda familiar e domicílio.

A primeira condição analisada do perfil é a distribuição dos jovens por gênero. O grupo de jovens é formado, proporcionalmente por mais homens que mulheres, apresentando um percentual de 55% do sexo masculino e 45% do sexo feminino (Gráfico 1).

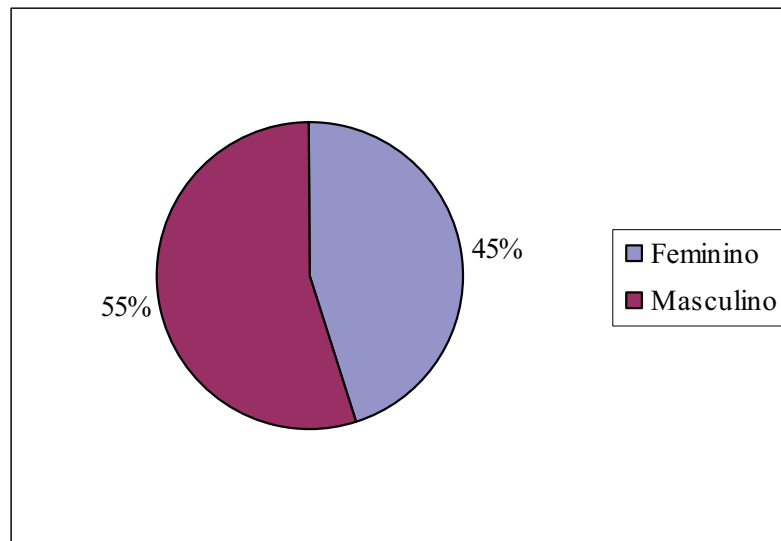


Gráfico 1 - Concentração dos participantes do grupo de jovens incubados por gênero

Em relação ao estado civil, o grupo de jovens é formado, proporcionalmente por mais solteiros que casados, apresentando um percentual de 95% solteiros e 5% casados (Gráfico 2).

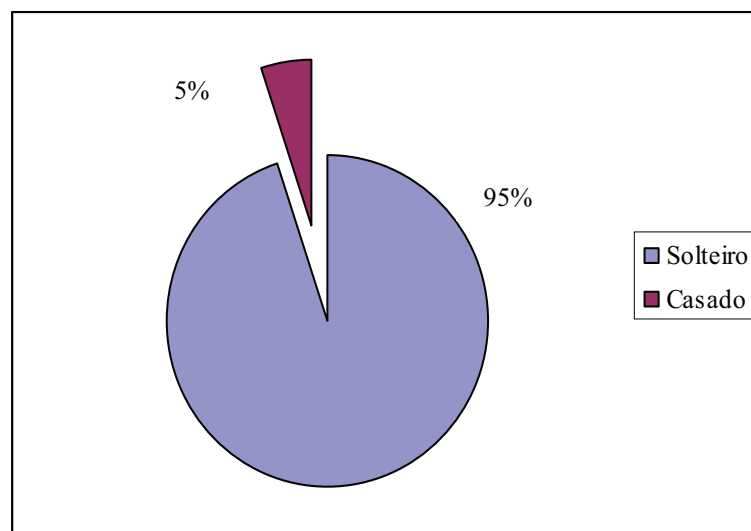


Gráfico 2 - Concentração dos participantes do grupo de jovens incubados por estado civil

Os jovens participantes do projeto de incubação possuem idade distribuída entre 17 a 22 anos. O Gráfico 3 apresenta a concentração por idade: 17 anos (5%); 18 anos (25%); 19 anos (20%); 20 anos (20%); 21 anos (20%) e 22 anos (10%).

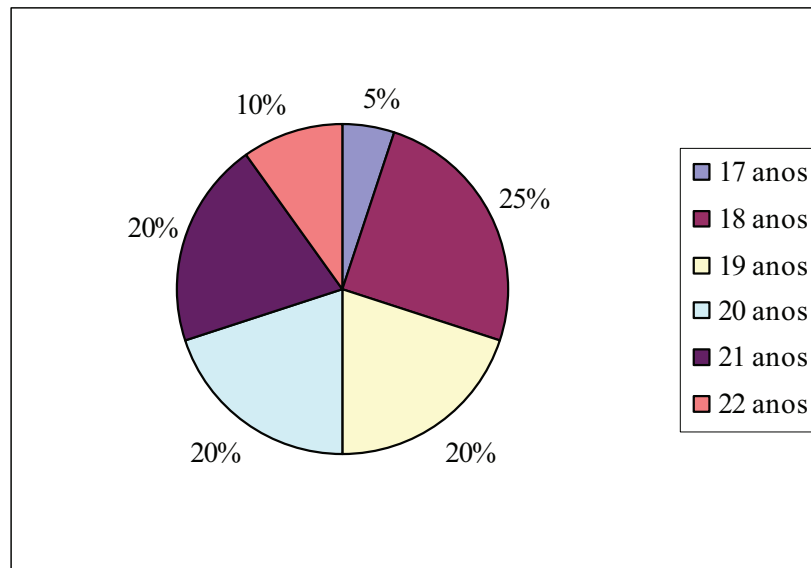


Gráfico 3 - Concentração dos participantes do grupo de jovens incubados por idade

No que diz respeito ao grau de escolaridade desses jovens, 100% concluiu o ensino médio, correspondendo a 11 anos de estudo (Gráfico 4). Por outro lado, observa-se que o comportamento dos jovens em relação a suas formações é de não buscarem o ingresso nas universidades quando concluído o ensino médio.

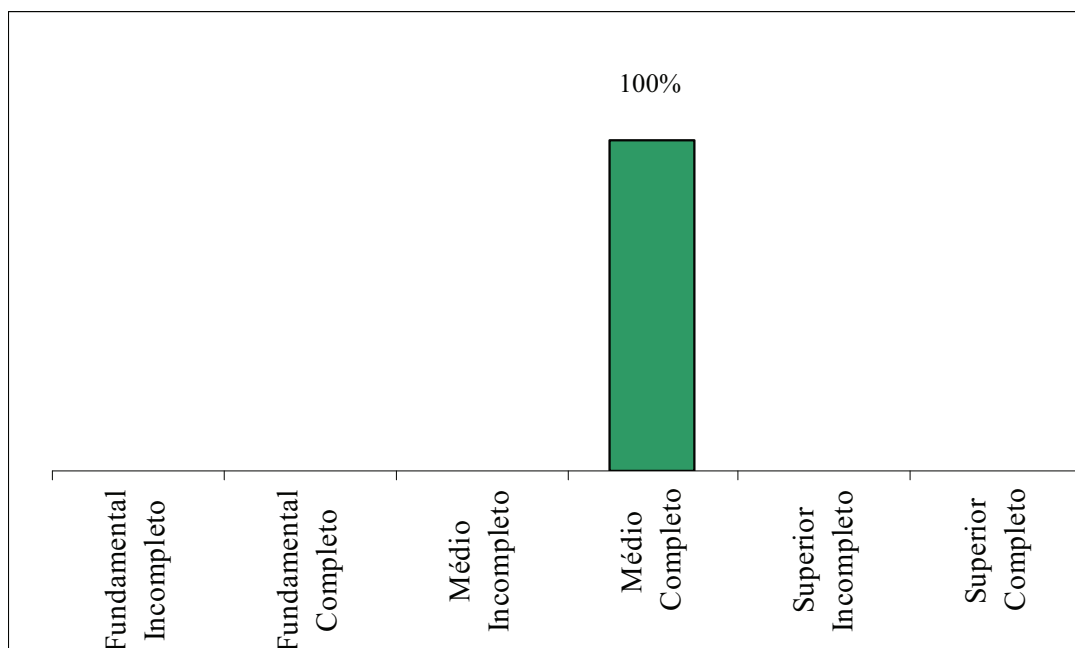


Gráfico 4 - Escolaridade dos participantes do grupo de jovens incubados

A escolaridade dos pais dos jovens está assim representada: 45% não concluiu o ensino fundamental; 10% concluiu o fundamental; 15% não concluiu o ensino médio; 15% concluiu o ensino médio; 10% cursou e concluiu o ensino superior e 5% dos jovens não souberam informar a escolaridade do pai. Com relação a escolaridade das mães dos jovens: 50% não concluiu o ensino fundamental; 20% conclui o fundamental; 5% não concluiu o ensino médio; 15% possui nível médio completo e 10% concluiu o ensino superior (Gráfico 5).

Além da conclusão do ensino médio, os jovens apresentam interesses na complementação de sua formação escolar, possuindo outros cursos complementares (60%), tais como: informática, línguas, noções básicas de administração, fotografia e teatro.

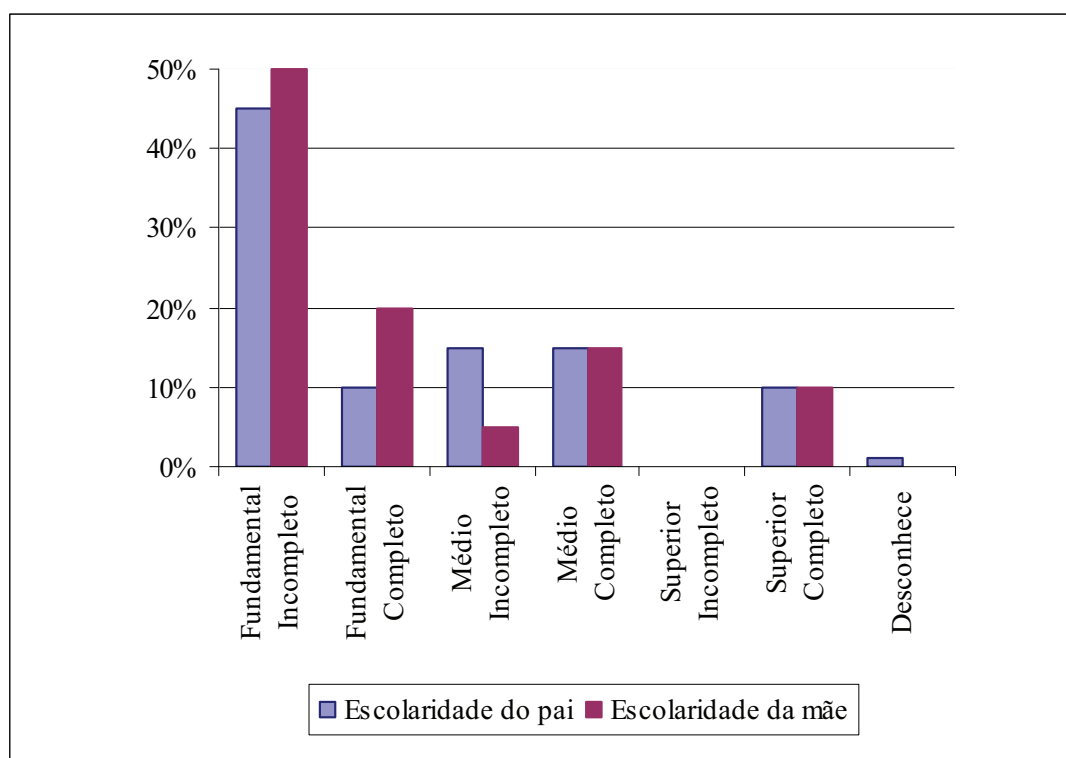


Gráfico 5 - Escolaridade dos pais dos jovens incubados

O grupo de jovens possui renda familiar distribuída entre os valores menor do que um salário mínimo³ (s.m.) até dez salários mínimos, com as seguintes concentrações: 5% com até 1 s.m.; 35% com mais de 1 s.m. até 3 s.m.; 15% com mais 3 s.m. de até 5 s.m.;

³ Salário mínimo vigente é de R\$ 465,00 conforme Lei 11.944/2009 publicada no Diário Oficial da União em 29 maio. 2009.

25% com mais de 5 s.m. até 7 s.m.; 5% mais de 7 s.m. até 8 s.m.; 5% mais de 9 s.m. até 10 s. m. e 10% dos jovens informaram desconhecer a renda familiar (Gráfico 6). Adotou-se a a renda familiar, pois possibilita “[...] ser o mais abrangente possível em relação a população como um todo e leva em conta a estratégia de sobrevivência normalmente adotada pelas pessoas.” (ROCHA, 2003, p. 36).

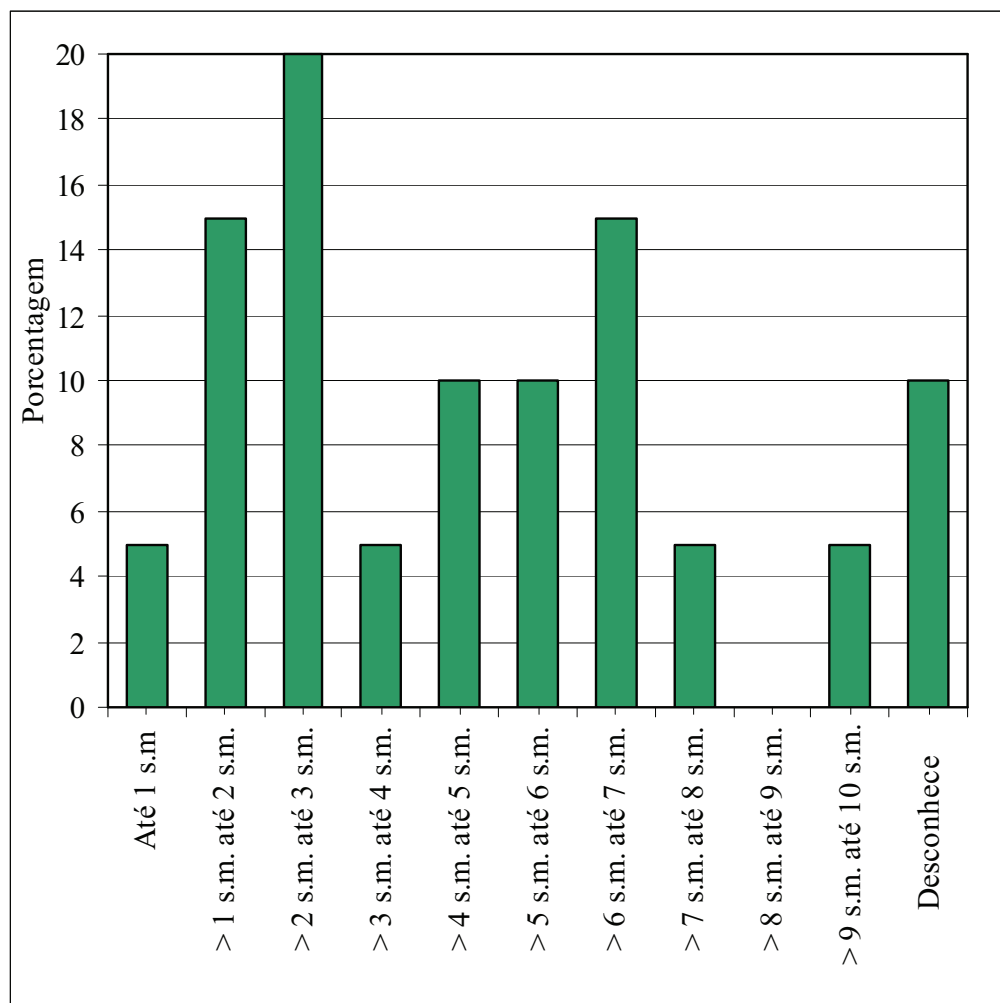


Gráfico 6 - Renda familiar dos participantes do grupo de jovens incubados

No que se refere ao domicílio, 70% dos jovens estão assim distribuídos: 35% em São Vicente e 35% em Santos. Além destes, 20% reside em Cubatão e os demais (10%) têm domicílio no município de Praia Grande. Do total de jovens, 95% informou morar com os pais, sendo que a composição familiar está assim representada: 55% mora com quatro a seis pessoas, 33% com dois a três pessoas e 10% informa residir com 6 a 9 pessoas (Gráfico 7).

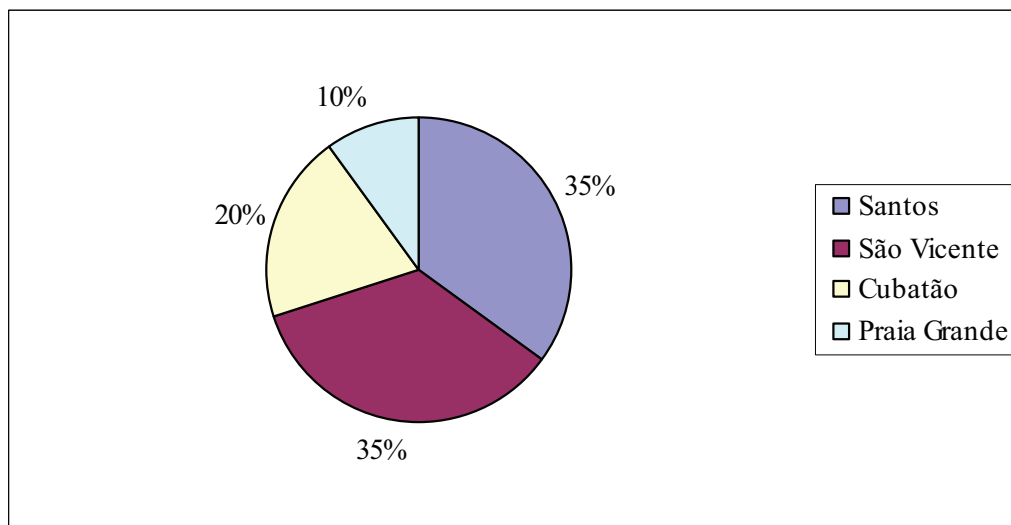


Gráfico 7 - Município de moradia dos participantes do grupo de jovens incubados

O que se pode inferir é que a maioria dos jovens, participantes do processo de incubação, são homens que possuem idade entre 17 a 22 anos, com escolaridade de nível médio. Além disso, pode-se inferir que dependendo da finalidade do empreendimento social as mulheres não são maioria, como parece indicar a tendência existente em outros empreendimentos. Talvez, nesse caso, essa situação se deva ao tipo de ocupação que o audiovisual abre para os jovens no mercado de trabalho em função do seu significado e atributos. Esses jovens creem que essa é uma oportunidade de mudar sua posição social e isso é reiterado no discurso de um jovem:

“Eu nunca tive tanta segurança que não vou ficar desempregado. Conheci muitas pessoas que acreditam em mim e no meu potencial. A minha certeza é que eu achei o meu caminho.” (Ator A03).

Pode-se inferir que a maioria reside com os pais em moradia própria nas regiões centrais e periféricas dos municípios de Santos e São Vicente, possuindo renda familiar entre 1 a 10 salários mínimos.

Caracterizado o perfil socioeconômico do grupo de jovens, apresenta-se os resultados da pesquisa realizada na rede de relacionamentos dos jovens incubados e no segundo momento as relações deste grupo com a equipe da IEES-UniSantos.

6.1 ANÁLISE DA REDE DE INTERAÇÕES DE JOVENS INCUBADOS

Para identificar as características da rede resultante do processo de incubação foi escolhida uma estratégia de análise que utiliza elementos de descrição da estrutura da rede, observando-se a organização em torno dos principais atores: grupo de jovens incubados e equipe da IEES-UniSantos.

Procurando destacar o grupo de jovens incubados, primeiramente é realizado a análise das relações do grupo e do grau de comprometimento de cada membro na construção do empreendimento. Para indicar as relações que os jovens estabeleceram entre si, eles identificaram três pessoas do grupo, formando a rede de relacionamento dos jovens.

No total, foram indicados 57 nomes, que revelam 57 vínculos estabelecidos entre eles. Dentre esses vínculos estabelecidos pelo grupo de jovens, 27 são únicos ou unilateral e 30 duplicados, ou seja, bidirecionados. Evidencia-se, assim, que a reciprocidade está presente em 30 conexões existentes na rede. Isto representa que em 47% dos casos em que se menciona ter relacionamento regular com outra pessoa, a relação inversa não ocorre. Esse número indica um grau elevado de inconsistências nas respostas, ou seja, “A” fala que se comunica regular com “B” e “B” fala que não se comunica regularmente com “A” ou não menciona que se comunica com “A”.

A rede de relacionamento dos jovens é composta de 53% vínculos bidirecionados, que revelam o predomínio de conexões simétricas e segundo Hanneman (2001) rede que tem predomínio de conexões simétricas não pode ser considerada hierarquizada, podendo ser considerada igualitária.

Dentre as medidas que descrevem as características gerais da rede (Quadro 7), verifica-se que a rede possui uma densidade de conexão total de 0,22. Esse dado revela que 78% do potencial das conexões não está sendo utilizado pelos atores da rede. Nesse contexto, percebe-se a vulnerabilidade das conexões entre os atores e, portanto, pouca fluidez de informações e mobilização de recursos.

Quadro 7 - Métricas da rede de relacionamentos

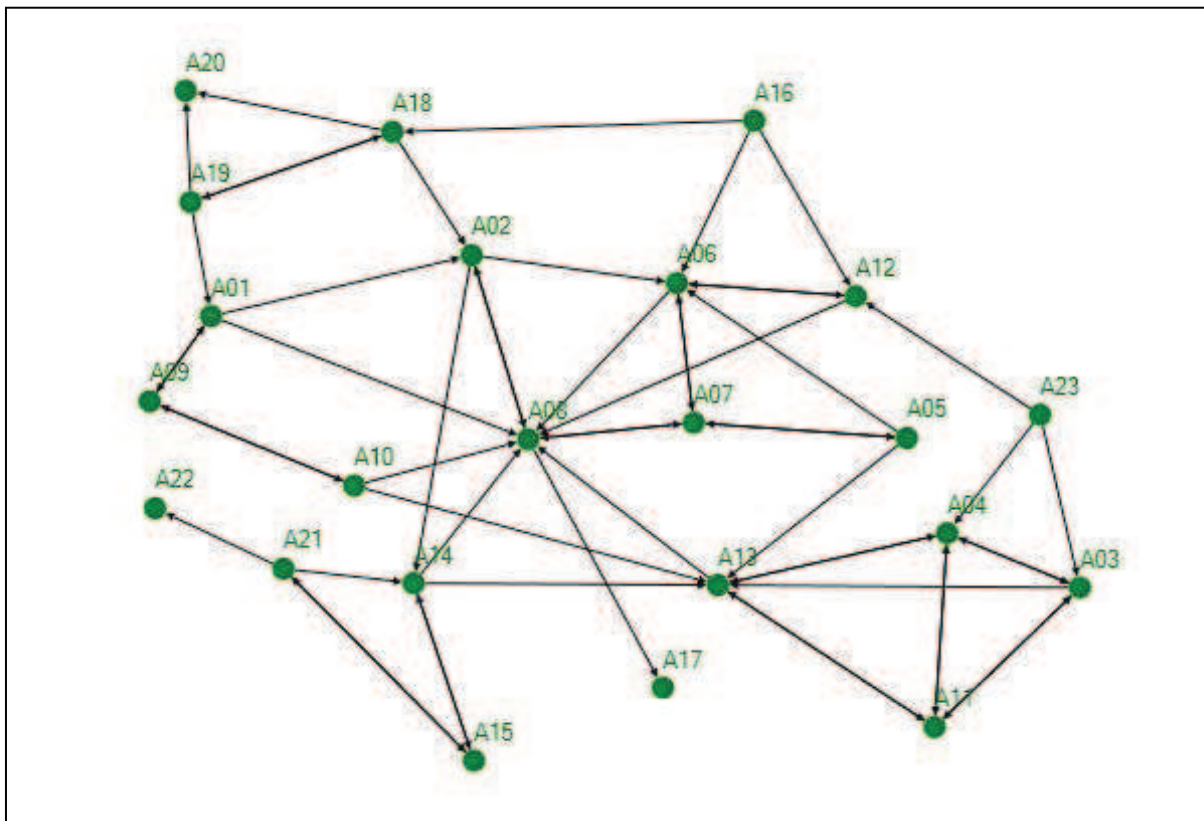
| Métricas | Valores |
|----------------------|----------------|
| Atores | 23 |
| Vínculos únicos | 27 |
| Vínculos duplicados | 30 |
| Total de vínculos | 57 |
| Densidade (de 0 a 1) | 0,22 |

As diferenças de como os indivíduos estão vinculados na rede é útil para entender os atributos e comportamentos dos atores na rede (HANNEMAN, 2001). Assim, a estrutura relacional dos jovens, demonstrado no sociograma⁴ (Figura 1) permite visualizar os relacionamentos de cada jovem na rede, representados pelos nós e vínculos relacionais.

Neste sociograma (Figura 1) pode-se observar que alguns atores assumem papel relevante na estrutura complexa e interativa que envolvem troca de informações, conhecimento e competências. Aquele que mais polariza, em princípio deve ser aquele que possui mais conhecimento e competência.

⁴ Sociogramas são representações gráficas de rede.

Figura 1 - Sociograma das relações dos jovens incubados



Para compreender a importância de alguns atores no grupo, o Quadro 8 apresenta as métricas calculadas para cada elemento da rede. As métricas analisadas são: centralidade de grau representada pela soma do grau de entrada e grau de saída, centralidade de intermediação, centralidade de proximidade, centralidade de autovetor e coeficiente de agregação.

Quadro 8 - Métricas dos atores da rede de relacionamentos: jovens incubados

| Atores | Grau de Entrada | Grau de Saída ⁵ | Centralidade de Intermediação | Centralidade de Proximidade | Centralidade de Autovetor | Coefficiente de Agregação |
|--------|-----------------|----------------------------|-------------------------------|-----------------------------|---------------------------|---------------------------|
| A01 | 2 | 3 | 0,309 | 2,273 | 0,201 | 0,167 |
| A02 | 3 | 3 | 0,409 | 2,000 | 0,301 | 0,150 |
| A03 | 3 | 3 | 0,045 | 2,636 | 0,168 | 0,583 |
| A04 | 4 | 3 | 0,045 | 2,636 | 0,168 | 0,500 |
| A05 | 1 | 3 | 0,050 | 2,455 | 0,192 | 0,333 |
| A06 | 5 | 3 | 0,211 | 2,182 | 0,334 | 0,267 |
| A07 | 3 | 3 | 0,013 | 2,455 | 0,214 | 0,333 |
| A08 | 8 | 3 | 1,000 | 1,682 | 0,471 | 0,125 |
| A09 | 2 | 2 | 0,016 | 2,909 | 0,085 | 0,000 |
| A10 | 1 | 3 | 0,123 | 2,318 | 0,194 | 0,167 |
| A11 | 3 | 3 | 0,000 | 2,773 | 0,147 | 0,833 |
| A12 | 3 | 2 | 0,241 | 2,182 | 0,231 | 0,167 |
| A13 | 6 | 3 | 0,733 | 1,955 | 0,347 | 0,190 |
| A14 | 3 | 3 | 0,734 | 2,000 | 0,273 | 0,250 |
| A15 | 2 | 2 | 0,000 | 2,864 | 0,076 | 0,500 |
| A16 | 0 | 3 | 0,109 | 2,682 | 0,147 | 0,333 |
| A17 | 1 | 0 ⁶ | 0,000 | 2,636 | 0,101 | 0,000 |
| A18 | 2 | 3 | 0,259 | 2,591 | 0,122 | 0,083 |
| A19 | 1 | 3 | 0,076 | 2,955 | 0,079 | 0,167 |
| A20 | 2 | 0 ⁵ | 0,000 | 3,409 | 0,043 | 1,000 |
| A21 | 1 | 3 | 0,249 | 2,818 | 0,079 | 0,333 |
| A22 | 1 | 0 ⁵ | 0,000 | 3,773 | 0,017 | 0,000 |
| A23 | 0 | 3 | 0,082 | 2,818 | 0,122 | 0,333 |

No Quadro 8 verifica-se que o ator A08 apresenta um número elevado de relacionamentos em relação aos demais atores da rede, pois é mencionado por outros oito atores (grau de entrada=8). O ator A08, portanto, estabelece relações com 40% do grupo, o que sugere sua relevância na rede e reitera o que diz Hanneman (2001), que a partir de um número considerável de relações o ator consegue exercer influência sobre os demais atores, gera neles dependência e controla diversas possibilidades de fluxos, desfrutando de maior

⁵ A métrica não apresenta variação em decorrência da condição estabelecida aos respondentes, que o número de relacionamentos citados deveria circunscrever-se a três participantes do grupo de jovens.

⁶ Atores citados e não entrevistados, não obtendo valor na métrica grau de saída.

capacidade de fazer escolhas dentro de seu universo de relações. O ator A13, também, apresenta significativo número de vínculos estabelecidos na rede (grau de entrada=06).

Já os atores A05, A10, A17, A19, A21 e A22 apresentam um baixo grau de conexões em relação aos demais (grau de entrada=1). No entanto, os atores A16 e A23 apresentam índice zero nesta métrica, pois os demais atores da rede não mencionam relação com eles. Estes atores periféricos (A16 e A23) possuem posição desprivilegiada na rede, estando dependentes das relações que estabelecem com os demais atores. Isso vem ao encontro do que diz Lavallo, Castello e Bichir (2008) que estes atores possuem baixa capacidade de mobilização de recursos, apresentando relevância marginal nas estratégias relacionais de outros atores.

O grau de saída, entendido como a soma das interações que os atores têm com os outros, não é considerado nesta pesquisa, uma vez que o número de relacionamentos solicitado aos jovens circunscreveu-se a três participantes do grupo.

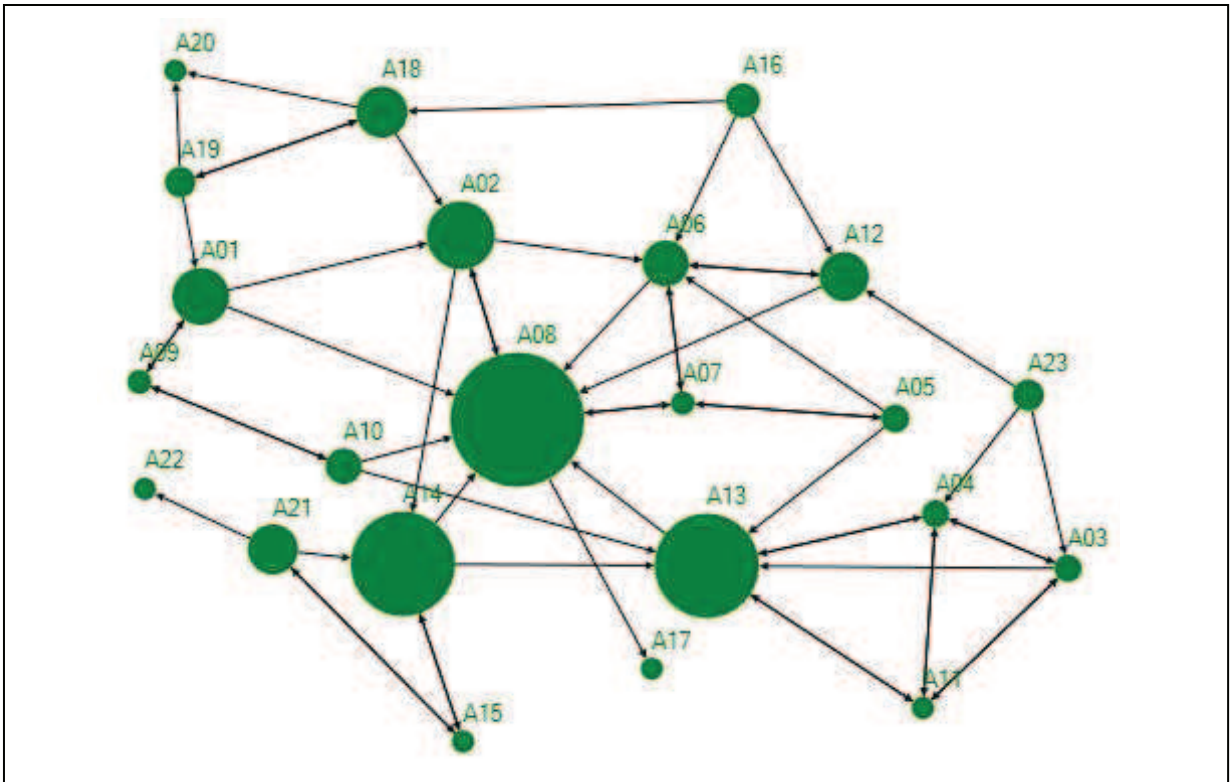
Com o indicador de centralidade de intermediação percebe-se que o ator A08 possui relevância no grupo, obtendo o maior valor (1,000) nesta métrica, como é reiterado na Figura 2. Além do elevado grau de centralidade de intermediação, esse ator detém o maior número de vínculos de entrada e saída, no âmbito do limite estabelecido neste estudo⁷, identificando-o como o principal receptor e difusor de informações na rede. Portanto, com a maior possibilidade de influenciar outros atores da rede e mesmo de ser influenciado.

O ator A13, também, possui uma posição favorável na métrica (0,733), bem como o ator A14 (0,734). Destaca-se que ambos possuem uma relação direta, porém não bidirecional, com ator mais influente na rede (A08).

Já os atores A07 e A09 obtiveram baixos índices de centralidade de intermediação, ou seja, possuem a menor capacidade de intermediar relações com os outros jovens (Figura 2). Os atores A11, A15, A17, A20 e A22, que obtiveram índice zero, não possuem nenhum poder para intermediar informação que flui pela rede.

⁷ A métrica de saída, entendida como a soma das interações que os atores têm com os outros, não apresenta variação em decorrência da condição estabelecida aos respondentes, ou seja, o número de relacionamentos citados foi de até três participantes do grupo de jovens.

Figura 2 - Sociograma das relações dos jovens incubados, estabelecido a partir da métrica de centralidade de intermediação



Nota: O tamanho dos nós apresentados varia de acordo com o valor da métrica de centralidade de intermediação.

A análise da Figura 2 permite outros desdobramentos. Verifica-se que os atores A03, A04 e A11 dependem do A13 para conectar-se aos demais atores da rede, evidenciando sua relevância. Esta relação de dependência, também é verificada entre o ator A14 e a tríade A15, A21 e A22.

Dado o papel de intermediação dos atores A13 e A14 na rede, suas atuações passam a ser preponderante para que as tríades: A03, A04 e A11 e, A15, A21 e A22 respectivamente, mantenham-se vinculadas à rede. Conforme pode-se visualizar na Figura 3, quando retirado o ator A14 da rede, a tríade A15, A21 e A22 fica desvinculada, criando um subgrupo isolado. Contudo, com a retirada do nó que representa o ator A13 na rede, a tríade A03, A04 e A11 embora permaneça conectada na rede através do vínculo unilateral estabelecido pelo ator A23. Mesmo assim, ocorre o isolamento da referida tríade, uma vez que nenhum ator da rede menciona relacionamento com este ator (A23).

A tríade A03, A04 e A11 possui conexão entre eles e reciprocidade de vínculos. Este fato revela comprometimento e cumplicidade nas ações desenvolvidas por estes atores em virtude do fluxo de informações entre eles. Contudo, a relação de dependência em

que se encontra esta tríade, faz com que dependa do ator A13, principal intermediador desta tríade para a disseminação na rede dos que compartilham.

O ator A13 é uma jovem de 20 anos, que reside com pais e três irmãos em domicílio próprio, na região periférica de São Vicente. Possui escolaridade em nível médio completo, realizado em instituição pública, tendo a mãe concluído o ensino médio e o pai cursado e concluído o nível superior. Sua renda familiar é de 8 salários mínimos propiciando uma renda per capita de 1,4 salários mínimos. As relações que a jovem mantém no grupo são motivadas pela afinidade que possui com outros jovens.

Durante o processo de incubação, esta jovem apresentou uma posição questionadora em relação aos princípios norteadores da Economia Solidária:

[...] a proposta era uma que era fora dos meus limites, então eu fui me conhecendo melhor [...] era todos por um e um por todos, mas as vezes vem pensamentos individuais (Ator A13).

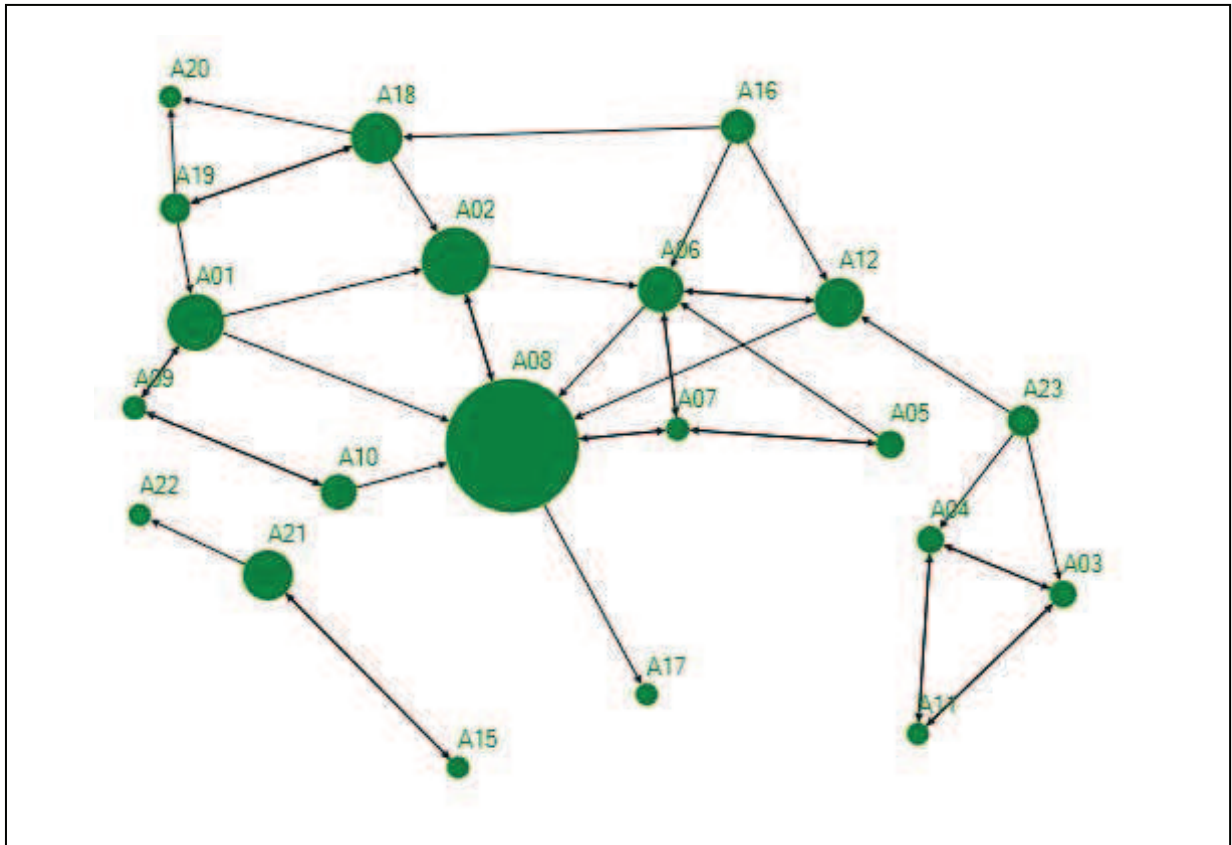
Interessante ressaltar que a jovem se manteve no grupo que integraria o empreendimento, durante o processo de incubação. Apesar de ser líder de uma parcela do grupo, o que ela pensa foi disseminado na rede, mas sem comprometer a liderança do grupo representado pelo ator A08. Esta postura influenciadora do ator A13 trouxe como consequência comportamentos de resistência a criação da cooperativa de demais membros do grupo.

O ator A14, com atuação preponderante para que a tríade A15, A21 e A22 mantenha-se vinculada a rede, é um jovem de 21 anos, que reside com pais e irmão em domicílio próprio, na cidade de São Vicente. De escolaridade em nível médio completo realizado em instituição pública e pais com grau de escolaridade em nível fundamental incompleto. Sua renda familiar de aproximadamente 3 salários mínimos, proporciona-lhe uma renda per capita de 0,7 salários mínimos. A afinidade, também, é apresentada como o principal motivo dos relacionamentos que este mantém.

Já o ator A08, principal intermediador da rede, é um jovem de 19 anos, que reside com os pais, em domicílio próprio, na região periférica de São Vicente. Possui escolaridade em nível médio completo, realizado em instituição pública. Sua família não é numerosa, que, além dos pais, convive com um irmão de menor idade. Sua renda familiar de

1,5 salários mínimos. Esse jovem, segundo o grupo, é tido como uma pessoa organizada, compreensiva e confiável.

Figura 3 - Sociograma das relações dos jovens incubados, estabelecido a partir da métrica de centralidade de intermediação



Nota: O tamanho dos nós apresentados varia de acordo com o valor da métrica de centralidade de intermediação.

Ainda pela ótica da centralidade de intermediação, os atores centrais A08, A13 e A14 desenvolvem um papel de “ponte” em virtude de suas posições em relação aos demais atores. Essa posição lhes outorga um potencial controle sobre os fluxos de bens materiais ou imateriais que circulam pelos vínculos sociais. Todavia, esse papel de mediadores pode não ser percebido pelos próprios atores da rede.

Já a centralidade de proximidade ressalta a distância de um ator em relação aos demais, considerando tanto os vínculos diretos como os indiretos (HANNEMAN, 2001). Segundo Martelelo (2001, p. 78), o ator é “tão mais central quanto menor o caminho que ele precisa percorrer para alcançar os outros elos da rede.” Nesse sentido, o ator A08, além de deter o maior número de vínculos estabelecidos na rede, possui vínculos diretos e indiretos

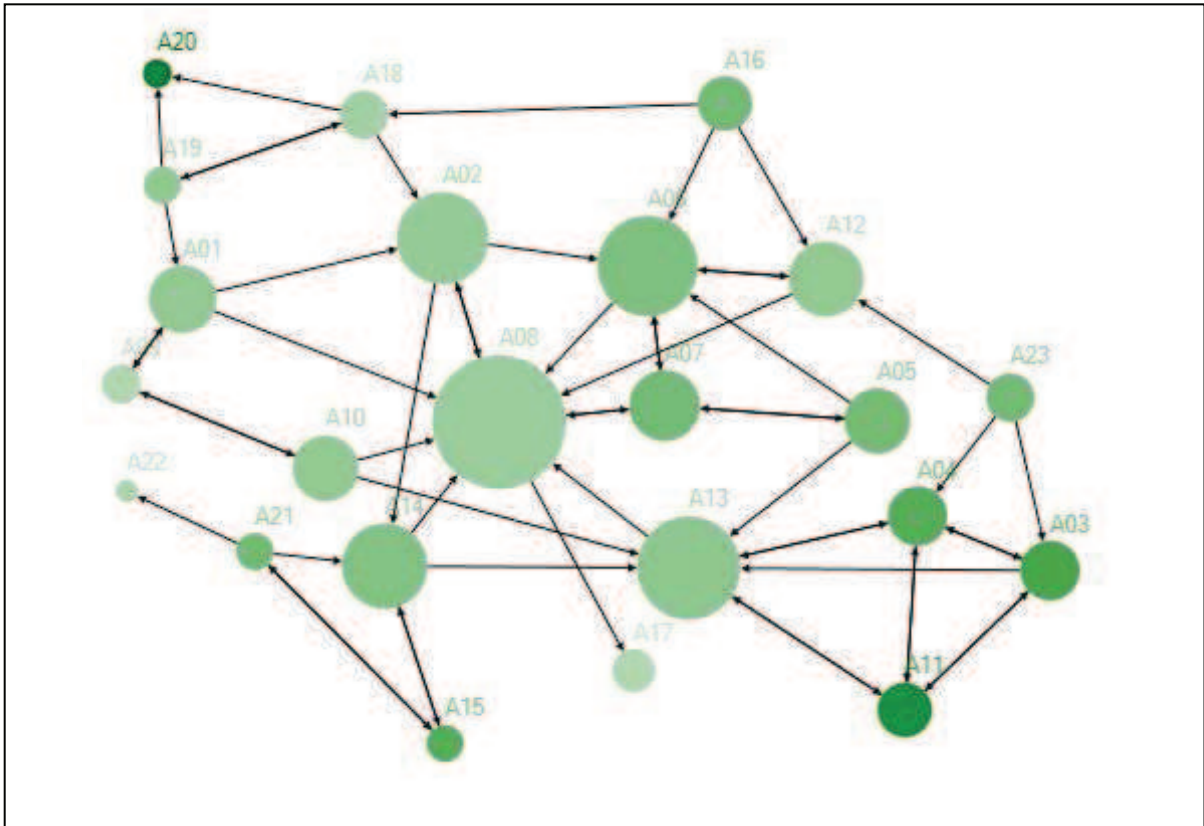
que lhe permitem acessar a todos os atores da rede mais rapidamente do que qualquer outro ator. O que reitera o discurso de Gómes et al. (2003 *apud* TOMAÉL; MARTELETO, 2006, 77) quando diz que a centralidade de proximidade representa independência, pois possibilita a comunicação com atores da rede com um número mínimo de intermediários.

Logo, o ator A08, com o menor valor na métrica de proximidade (1,682), apresentado no Quadro 8, está mais próximo dos demais, devido aos vínculos que possui com mínimo de intermediários. Isso o possibilita ter maior visibilidade na rede, sendo sua posição privilegiada para monitorar o fluxo de informações.

Considerando, ainda o índice de centralidade de autovetor⁸ (Figura 4), identifica que o A08 é o ator que possui o maior valor nesta métrica na rede (0,471). Esse ator desempenha um importante papel na rede em termos de estrutura global. Sua importância deve-se ao fato de estar vinculado a disseminação de informação, valorizando quem se vincula a ele. Evidencia-se, ainda que em virtude da métrica variar de 0 a 1 e as métricas individuais apresentarem valores abaixo da média (0,5), ou seja menor que 0,348 (Quadro 8), revela que não há eficiência na fluidez de comunicação na rede.

⁸ Este índice reflete a conexão de um ator muito conectado com outros atores também bem conectados na rede.

Figura 4 - Sociograma das relações dos jovens incubados, estabelecido a partir das métricas de centralidade de autovetor e coeficiente de agregação



Nota: O tamanho dos nós apresentados varia de acordo com o valor na métrica centralidade de autovetor e a intensidade da cor varia conforme a valor na métrica de coeficiente de agregação.

O coeficiente de agregação, que mede a coesão na rede, demonstra como os atores que participam da rede relacionam-se entre si. Esta métrica evidencia o grau de sinergia de cada ator da rede. Os dados revelam que os atores A20 e A11 são os mais coesos na rede (Figura 4), o que vem ao encontro do que Burt (1992) menciona: “a coesão e os vínculos fortes providenciam benefícios de informação redundantes devido à similaridade entre os contatos”, limitando as condutas, oportunidades, influências e mesmo o poder que esses atores poderiam ter na rede.

6.2 ANÁLISE DE COMPETÊNCIAS DOS ATORES NA REDE

A rede possibilita que cada ator estabeleça vínculos que propiciem disseminação de conhecimentos, aprimorando o planejamento e a eficiência no acesso aos recursos disponíveis na rede, enquanto a intensidade das relações entre os atores da rede se dá a partir do consenso formado pelos atores em decorrência da percepção sobre o outro.

A afirmativa se faz possível a partir dos relatos⁹ oferecidos pelos jovens quando solicitado aos mesmos que indicassem outros três do grupo, os quais eles identificavam como os mais competentes do grupo, mencionando as competências que julgavam os indicados possuírem.

O conceito de competência pode ser relacionado ao surgimento de novas configurações à execução do trabalho, organizações que enfatizam o trabalho em equipe e a responsabilização coletiva, exigindo conhecimentos e atitudes dos indivíduos (Mascarenhas, 2008). Mas para Zarifian (2001), o conceito de competência sugere que entenda-se que o seu exercício implica ainda a interação e a construção de relacionamentos com outros indivíduos na organização, podendo ser, portanto, potencialmente mobilizadas.

Para os jovens, as competências disponíveis no grupo estão relacionadas a conhecimentos e habilidades na área de audiovisual (Quadro 9). Cabe ressaltar que um jovem mencionou como competência conhecimentos relacionados à área financeira, evidenciando que o grupo prioriza os conhecimentos técnicos em detrimento aos conhecimentos administrativos, necessários a autogestão do empreendimento.

⁹ Os jovens foram questionados (Apêndice 1) sobre “o que você sabe fazer de melhor” e “em que você é bom”, as respostas oferecidas propiciaram o enquadramento nas atividades e competências apresentadas no Quadro 9.

Quadro 9 - Atividades e competências identificadas pelos jovens

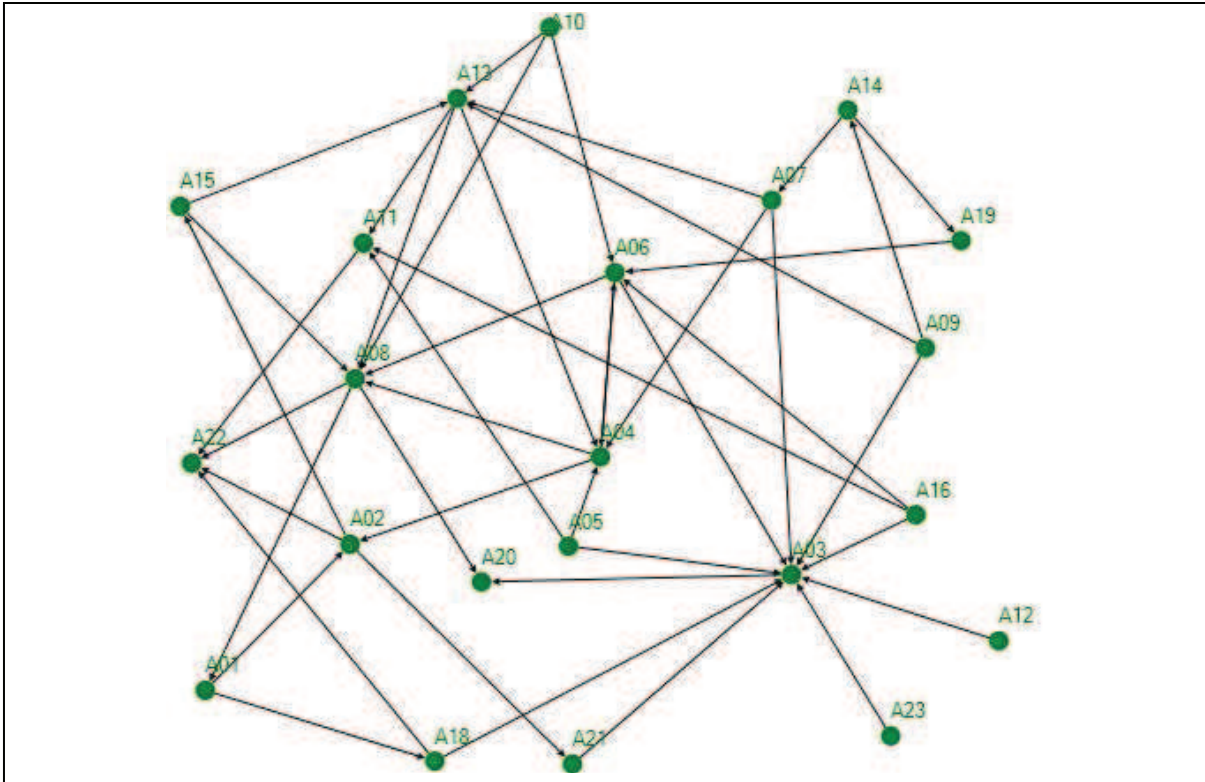
| Atividades | Competências |
|---------------------|---|
| Roteiro | Argumento (idéia) Pesquisa Roteiro |
| Direção | Direção Assistente de direção |
| Produção | Produção executiva Produção de base Produção de locação Produção de transporte Produção de set |
| Arte | Direção de arte Produção de arte Figurino Maquiagem |
| Elenco | Preparador de elenco Produtor de elenco |
| Captação de Imagens | Operação de câmera Direção de fotografia Assistente de fotografia Foto <i>making of</i> Vídeo <i>making of</i> Foto <i>still</i> |
| Administrativa | Financeiro |

O ator mais referenciado no grupo foi o A03, sendo indicado por nove jovens (Figura 5). O ator é um jovem de 20 anos, que reside com os pais, em domicílio próprio, na região periférica do município de Santos. Tem escolaridade em nível médio completo, realizado em instituição pública. Sua família não é numerosa, além dos pais possui apenas dois irmãos maiores de idade. Sua renda familiar é de 6,8 salários mínimos. O jovem é considerado como o melhor editor de filmes do grupo, que, além de executar as atividades com afinco, entende de cinema.

O ator A03 é um dos nós da tríade A03, A04 e A11 e que apresenta baixo grau de conexões (grau de entrada=03), não tendo conexão direta com o ator mais central do grupo (A08), responsável pela maior mobilização e dinamização da rede. Então, conforme

visualizado na Figura 1, para disseminar conhecimentos na rede, o ator A03, dependente do ator A13 que ocupa uma posição de intermediação.

Figura 5 - Sociograma das relações dos jovens incubados, estabelecido a partir das competências identificadas no grupo



A partir do sociograma das relações dos jovens incubados (Figura 5), pode-se inferir que dadas as competências reconhecidas pelos mesmos, estabelece-se o fluxo de articulação de conhecimento e que o exercício da competência implica ainda na interação e na construção de relacionamentos com outros indivíduos na rede, ou seja, podendo ser potencialmente mobilizadas. Tal situação se confirma a partir do A03 que apresenta baixo grau de conexões, não possuindo conexão direta com o ator mais central do grupo (A08), responsável pela maior mobilização e dinamização da rede.

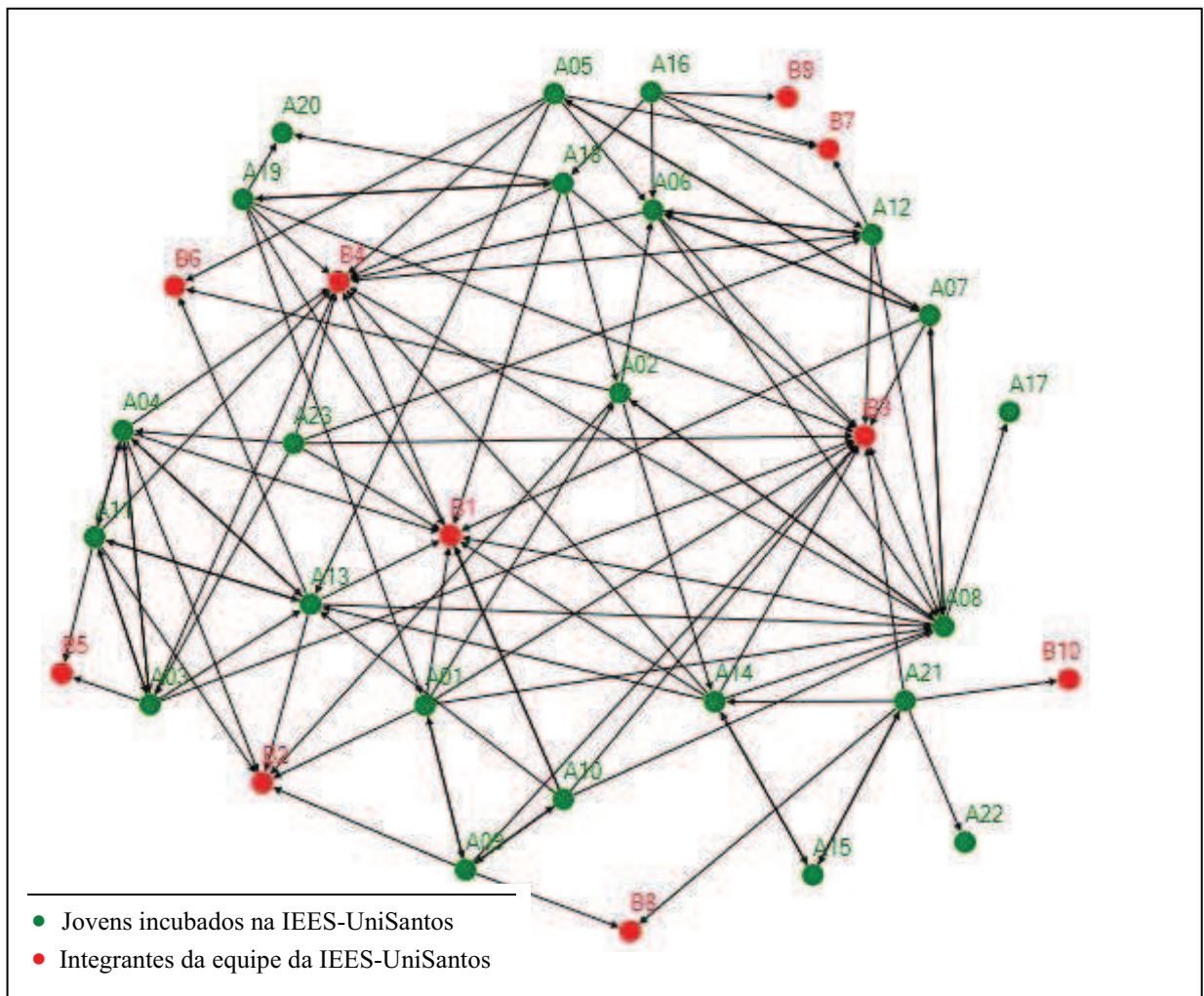
Apresentados os resultados da pesquisa realizada na rede de relacionamentos dos jovens incubados é introduzido um novo ator na rede, a equipe da Incubadora. Este novo ator poderá conformar uma nova configuração de rede.

6.3 RELAÇÃO DOS JOVENS INCUBADOS COM A EQUIPE DA IEES-UNISANTOS

A interação do grupo de jovens com a equipe de IEES-UniSantos permite identificar a manutenção ou alteração dos padrões de interações dos membros do grupo. Solicitou-se aos jovens que mencionassem, no máximo, três pessoas da equipe da Incubadora com quem manteve relacionamento no processo.

Analisando a relação dos jovens com a equipe da Incubadora (Figura 6) percebe-se que os relacionamentos na rede assumem outra configuração, pois além do aumento de atores na rede, outros papéis surgem na rede.

Figura 6 - Sociograma das relações dos jovens e da equipe da Incubadora



A nova configuração da rede com 30 atores, sendo 20 jovens e 10 integrantes da equipe da IEES-UniSantos¹⁰, denominada na pesquisa de rede ampliada, apresenta outra centralidade.

Na rede ampliada foram indicados pelos jovens, 110 nomes, identificando 110 vínculos. Dentre esses, 30 são duplicados, ou seja, recíprocos e 80 únicos, sendo que 53 correspondem aos vínculos com a equipe da Incubadora, conforme dados apresentados no Quadro 10. O Quadro contempla, também, a densidade de conexão da rede, que revela que de todas as conexões possíveis na rede, apenas 20% delas foram apresentadas.

Quadro 10 - Métricas da rede de relacionamentos ampliada

| Métricas | Valores |
|----------------------|----------------|
| Atores | 33 |
| Vínculos únicos | 80 |
| Vínculos duplicados | 30 |
| Total de vínculos | 110 |
| Densidade (de 0 a 1) | 0,20 |

Salienta-se que por não ser objeto de estudo, na rede ampliada não identificou-se os vínculos que a equipe da IEES-UniSantos estabeleceu com os jovens do grupo, em virtude do exposto não será analisado a alteração do valor da densidade apresentada.

Já a análise das medidas de centralidade individual da rede ampliada (Anexo 1) permite observar mudanças no papel dos atores, pois surgem novas lideranças.

O ator A08, com o maior número de vínculos de entrada e saída na rede, manteve importância no grupo, mesmo tendo reduzido seu poder de intermediação (Gráfico 8). No entanto, outros atores surgem com o papel de intermediação na rede: o A14 e

¹⁰ Dez membros da IEES-UniSantos foram mencionados pelos jovens do grupo incubado.

principalmente o A21, que passa a ser o principal intermediador da rede. Em geral, os demais jovens obtiveram os valores ampliados nesta métrica. Mas, em particular, destaca-se o ator A21 que ampliou o poder de intermediação em aproximadamente 269%.

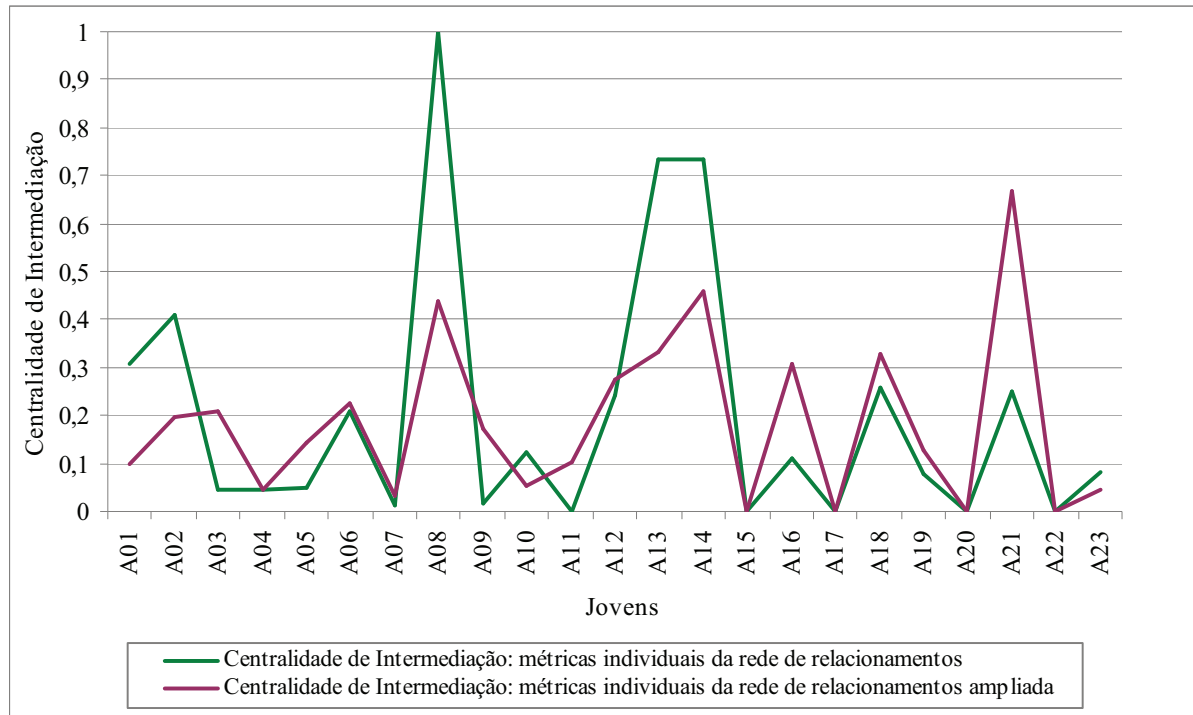


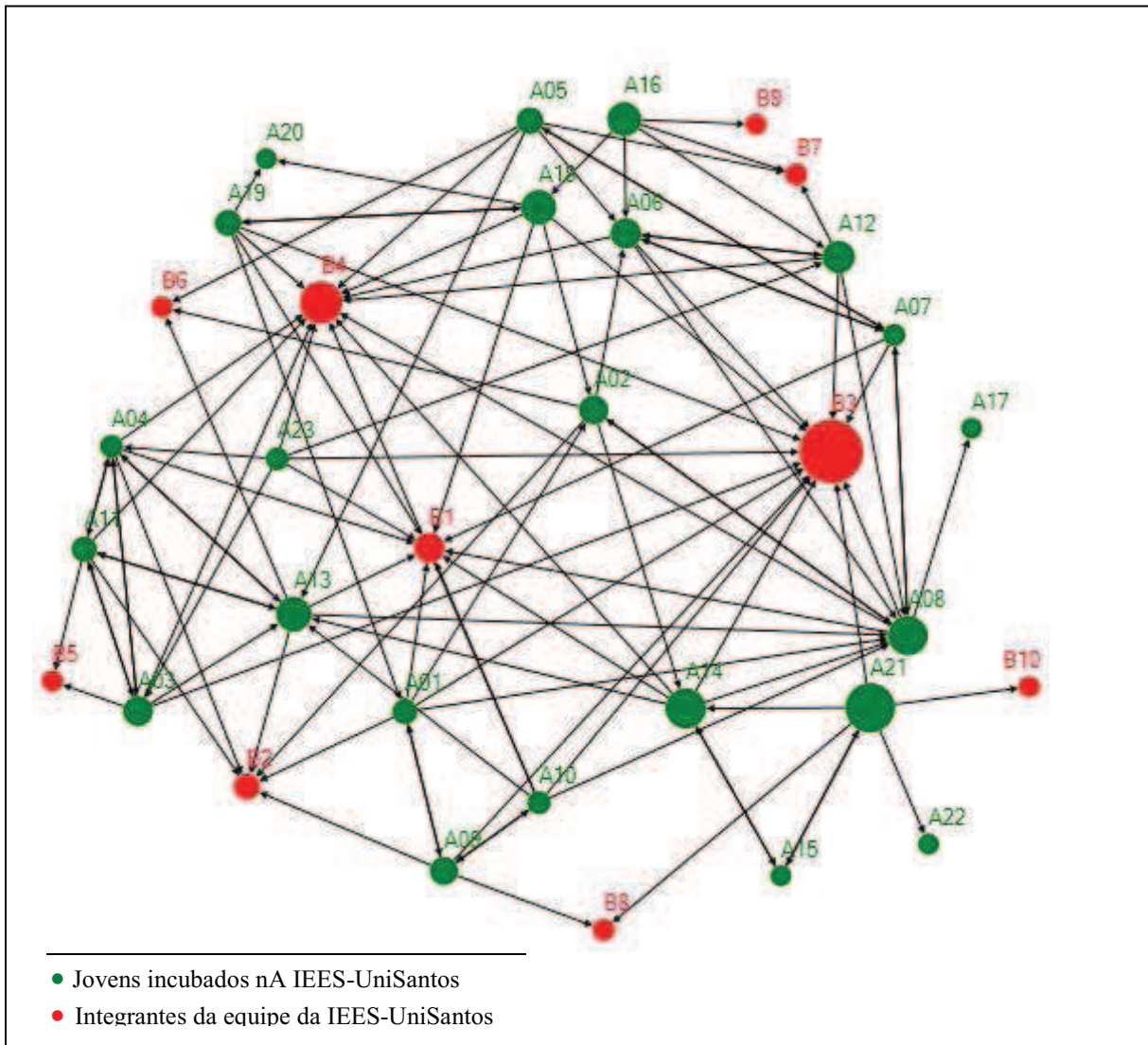
Gráfico 8 - Centralidade de Intermediação: curvas das métricas dos jovens da rede de relacionamentos e da rede de relacionamentos ampliada

A relevância da participação dos atores na rede é consequência, também, do número de vínculos que passam a intermediar. Além do A21, os atores A14 e A08 são os principais intermediadores da rede ampliada, que realizam com mais intensidade o efeito multiplicador das informações e conhecimento na rede (Figura 7). No momento em que a equipe se integra aos jovens, o fluxo de informação, de algum modo, é desvinculado da intermediação de um único ator, no caso A08, passando a existir outras possibilidades da informação ser transmitida por outros atores da rede. Isso se deve à introdução de novos atores na rede, oferecendo novas configurações nos relacionamentos.

É interessante ressaltar que, apesar de não ser objeto de estudo, alguns integrantes da IEES-UniSantos (B1, B3 e B4) possuem valor relevante na métrica centralidade de intermediação na rede do que demais atores (Figura 7). Revela-se que estes integrantes da

Incubadora, responsáveis pelo planejamento, execução das atividades, estavam presentes e mais próximos dos jovens nas atividades realizadas no processo de incubação.

Figura 7 - Sociograma das relações dos jovens e da equipe da Incubadora, estabelecido a partir da métrica de centralidade de intermediação



Nota: O tamanho dos nós apresentados varia de acordo com o valor da métrica de centralidade de intermediação.

Nas métricas individuais de centralidade de proximidade apresentadas no Gráfico 9, observa-se que os índices mantiveram, em média, os valores apresentados anteriormente. O ator A08 manteve-se como o detentor do menor índice de centralidade de proximidade (1,813), devido aos vínculos que possuem com o mínimo de intermediários.

Salienta-se que os demais atores, com exceção A02 e A17, bem como o A08, reduziram os índices, demonstrando que a relação dos jovens com a equipe da Incubadora, possibilitou que estes ficassem mais próximos entre si, possibilitando um melhor acesso a informações com a redução de intermediações.

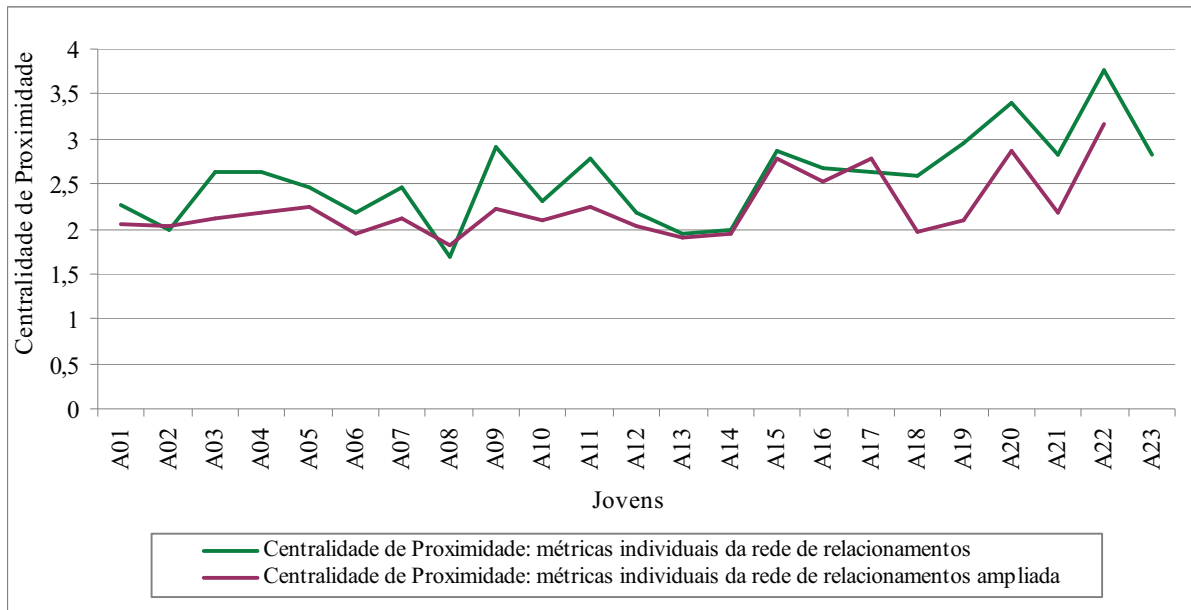


Gráfico 9 - Centralidade de Proximidade: curvas das métricas dos jovens da rede de relacionamentos e da rede de relacionamentos ampliada

No que se refere à métrica de centralidade de autovetor, que evidencia o ator mais central na rede no que se refere aos vínculos com os atores mais conectados, identificou-se que o ator A08 manteve posição relevante na rede (Gráfico 10). Salienta-se que os atores apresentaram redução na métrica, com exceção 45% de atores (A03, A04, A09, A10, A18, A19, A20, A21 e A23).

Pode-se, portanto, inferir que na rede de relacionamento dos jovens com a equipe da Incubadora, a difusão de informações não tornou-se mais eficaz em virtude de 55% dos jovens terem reduzido o valor nesta métrica.

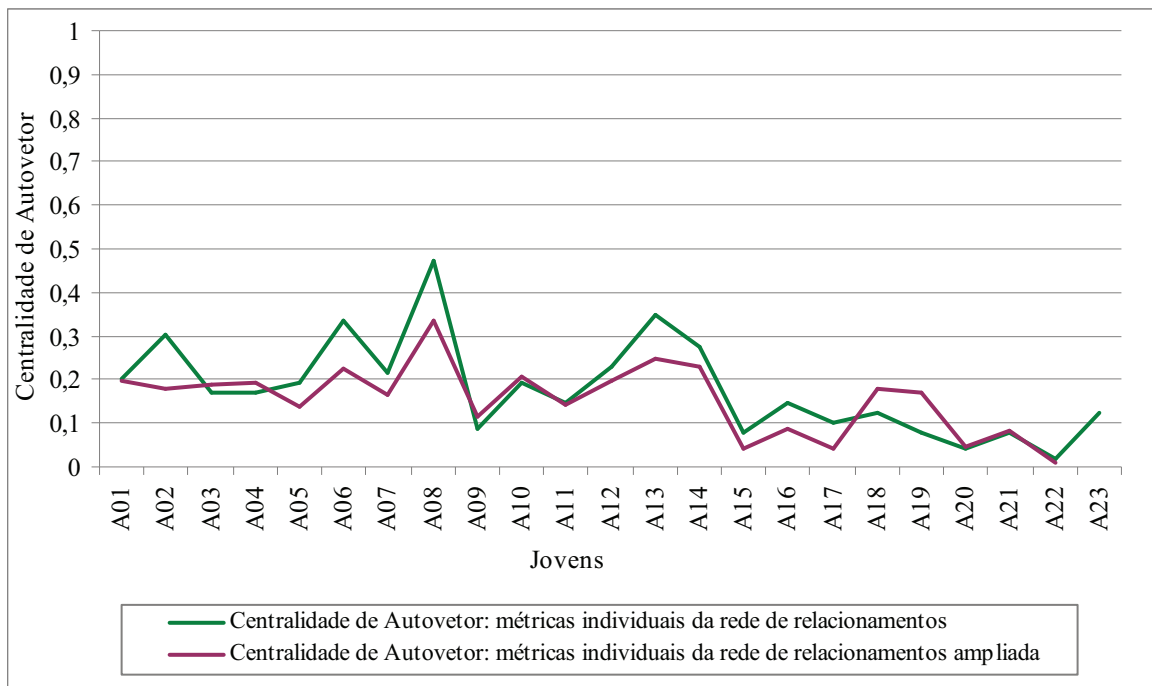


Gráfico 10 - Centralidade de Autovetor: curvas das métricas dos jovens da rede de relacionamentos e da rede de relacionamentos ampliada

A métrica de coeficiente de agregação mede a coesão dos atores da rede, demonstrando o grau de sinergia de cada ator. O Gráfico 11 identifica que o ator A15 é o que mais agrega na rede, o que tem maior sinergia com os outros atores. Portanto, o mais coesão.

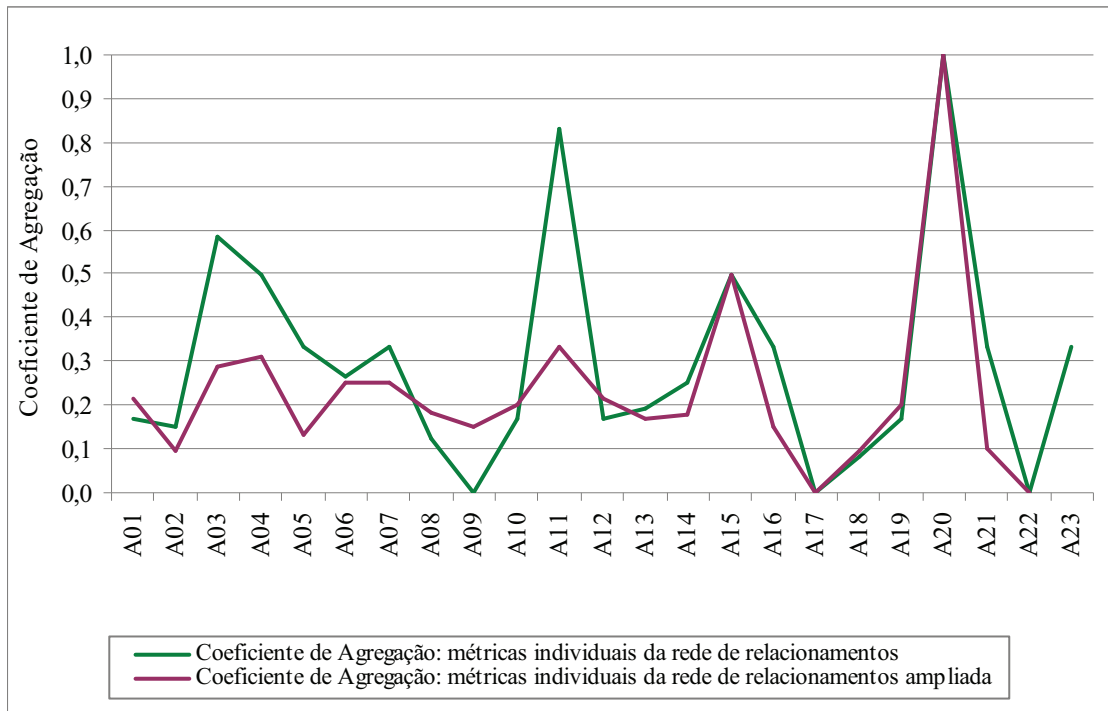


Gráfico 11 - Coeficiente de Agregação: curvas das métricas dos jovens da rede de relacionamentos e da rede de relacionamentos ampliada

Ressalta-se que nessa configuração de rede, os atores A03, A04 e A11 e os atores A15, A21 e A22 não dependem respectivamente dos atores A13 e A14 para manterem-se conectados na rede, pois estabeleceram conexões com demais atores da rede desvinculando os desta dependência.

As relações estabelecidas pelos jovens no processo de incubação realizado pela IEES-UniSantos foram examinadas a partir de dois casos. No primeiro, para distinguir os papéis desempenhados pelos jovens no grupo, centra-se o foco nas conexões estabelecidas entre eles. No segundo caso, analisa-se as relações desse grupo com a equipe da Incubadora. As relações são específicas a cada caso, apresentando dinâmicas de relacionamento diferentes.

No primeiro caso, na rede de relacionamentos dos jovens foram identificados 57 vínculos, sendo 27 únicos e 30 recíprocos. Nesta estrutura reticular verificou-se a importância dos atores A13, A14 e, principalmente do A08. O ator A08 ocupa, nesta rede, posição de relevância apresentando os melhores índices nas métricas de centralidade de grau, centralidade de intermediação, centralidade de proximidade e centralidade de autovetor. Pode-se inferir que o ator influencia na manutenção do fluxo de informações e conhecimentos

pela quantidade de vínculos diretos que mantém com os demais atores (centralidade de grau), como também por sua capacidade de intermediar relações entre outros atores (centralidade de intermediação), de estar mais próximo dos demais atores da rede (centralidade de proximidade) e, principalmente, por estar conectado a outros atores com mais conexão na rede (centralidade de autovetor). Ainda nesse caso, os dados revelam que os atores A20 e A11 são os mais agregadores da rede. Já os atores A16 e A23 são periféricos, sendo que os demais atores não estabelecem vínculos com eles, apresentando zero na métrica grau de entrada.

Já no segundo caso, quando é incorporado a equipe da Incubadora, identificou-se 110 vínculos, sendo 80 únicos e 30 recíprocos. Através da análise das métricas dos atores da rede verificou-se a relevância do ator A08 nos seguintes aspectos: detentor de maior número de vínculos na rede (centralidade de grau), capacidade de alcançar os demais atores da rede (centralidade de proximidade) e vincular-se a atores mais conectados na rede (centralidade de autovetor). No entanto, nesta configuração de rede destaca-se outros atores, ou seja, os atores A21 e A15, aqueles que são considerados os mais centrais no que se refere a capacidade de intermediar relações e de agregação. Os atores A16 e A23 permaneceram em posição periféricas na rede.

Quadro 11 - Comparativo das métricas das redes de relacionamentos

| | Total de vínculos | Densidade ⁽¹¹⁾ | Atores que se destacam na Centralidade de | | | | | Atores Periféricos |
|---------------------|-------------------|---------------------------|---|-------------------|-------------|------------|------------|--------------------|
| | | | Grau | Intermediação | Proximidade | Autovetor | Agregação | |
| 1 ^a caso | 57 | 0,22 | A08 | A08 A14 A13 | A08 | A08 A13 | A20 A11 | A16 e A23 |
| 2 ^a caso | 110 | 0,20 | A08 | A21 A14 A08 | A08 | A08 | A15 A11 | A16 e A23 |

¹¹ Em virtude da não identificação, na rede ampliada (2º caso), dos vínculos que a equipe da IEES-UniSantos estabeleceu com os jovens do grupo, por não ser objeto de estudo, a densidade não foi contemplada na análise.

Ao comparar os valores das métricas apresentados no Quadro 11 e as Figuras 1, 5 e 6 pode se inferir que os principais atores envolvidos na formação, organização e consolidação do empreendimento econômico solidário são: A08, A11, A13, A14, A15, A20 e A21.

Entretanto, percebe-se um envolvimento dos atores A03, A04 e A11, que são intermediados pelo ator A13, sendo este considerado importante disseminador dos recursos disponíveis na rede. No subgrupo (A03, A04, A11) encontra-se o ator mencionado como o mais competente no grupo (A03). Assim aquele que mais polariza (A08) não é quem o grupo considera como o mais competente, mas sim o ator A03. O ator que mais polariza, é reconhecido pelo grupo como uma pessoa compreensiva e confiável, o que pressupõe capacidade de ouvir e entender o outro.

Portanto, a identificação dos atores mais centrais da rede social, bem como a posição assumida pelos demais atores da rede é relevante quando se deseja estimular a participação e co-responsabilização de todos os atores sociais para o desenvolvimento de ações coletivas.

A análise das métricas da redes com a inserção da equipe da Incubadora na rede de relação dos jovens propiciou elementos que visualizam possíveis intervenções que permitirão otimizar as interações entre os atores.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da rede de relacionamentos, que se estruturou e se desenvolveu no processo de incubação, permitiu verificar de que maneira o processo potencializa as relações sociais entre os membros do grupo incubado das Oficinas Querô. O processo de incubação dos jovens das Oficinas Querô teve como objetivo romper a cultura individualista, na conquista da identidade cooperativa dos jovens e na consolidação do empreendimento econômico solidário. Esse processo dialógico construído a partir de diferentes pressupostos e interesses comuns, resultou em uma rede de relacionamentos e ampliação do capital social.

O estudo permitiu identificar que a rede de relacionamento estruturada no processo de incubação do grupo era formada por vinte jovens com características peculiares uma vez que são pessoas oriundos de situações sociais diversas. A análise evidenciou que a estrutura da rede de relacionamentos é igualitária, formada predominantemente por vínculos recíprocos, com baixo fluxo de informações em virtude da vulnerabilidade das conexões entre os atores, identificando a influência de um ator mais central na rede. O ator ocupa posição de relevância apresentando os melhores índices nas métricas de centralidade de grau, centralidade de intermediação, centralidade de proximidade e centralidade de autovetor. O ator influencia na manutenção do fluxo e disseminação de informações e conhecimentos pela quantidade de vínculos diretos que mantem com os demais atores (centralidade de grau). Mas, também por sua capacidade de intermediar relações entre outros atores (centralidade de intermediação), bem como por estar mais próximo dos demais atores da rede (centralidade de proximidade) e principalmente por estar conectado a outros atores com mais conexão na rede (centralidade de autovetor).

Contudo, os dados revelam que não é o ator mais central na rede aquele que mais agrega, outros atores com baixo grau de centralidade também agregam em virtude dos vínculos que possuem. Assim, apesar das posições dos atores serem igualitárias, quando se analisa essa relação na rede a partir das métricas, destaca-se a diferenciação das posições assumidas.

Salienta-se, ainda que o ator reconhecido pelo grupo como o mais competente, apresenta baixo grau de conexões, não possuindo conexão direta com o ator mais central da rede. Pode-se inferir que de acordo com o grupo este ator “ sabe fazer”, contudo não sabe realizar articulação do saber, ou seja, não sabe estabelecer no grupo articulação e mobilização de conhecimentos e das competências reconhecidas, propiciando a aprendizagem coletiva.

Ainda que o grupo privilegie mais o conhecimento técnico em relação ao conhecimento administrativo, necessário à autogestão do empreendimento solidário, infere-se que as relações estabelecidas pelo ator mais central do grupo estão pautadas na confiança que este transmite aos demais atores. Este fato evidencia que nesta rede a confiança e a reciprocidade são os fatores que revelam o comprometimento e a cumplicidade nas ações desenvolvidas por estes em virtude dos vínculos que os unem.

Com a incorporação da equipe da Incubadora, a rede apresentou nova configuração. É possível afirmar que alguns indivíduos passaram a ter um papel mais ativo do ponto de vista relacional. Mediante análise das métricas dos atores da rede, verificou-se a relevância de um ator, detentor de maior número de vínculos na rede (centralidade de grau), com capacidade de alcançar os demais atores da rede (centralidade de proximidade) e vincular-se a atores mais conectados na rede (centralidade de autovetor). No entanto, nessa configuração destacam-se outros atores, que são considerados os mais centrais no que se refere à capacidade de intermediar relações e de agregar. Assim, na nova conformação da rede destacam-se outros atores e emergem novas lideranças na estrutura reticular. Portanto, a relação dos indivíduos mudou com a introdução da equipe da Incubadora, novas lideranças emergiram sem alterar, porém, a centralidade do líder.

Os efeitos produzidos no padrão de relações sociais dos jovens com a introdução da equipe da Incubadora, propiciou o estabelecimento de novos canais de informação e de conhecimento, e a pluralidade dos atores contribuiu para que fossem geradas novas oportunidades de comunicação. A incubação é um processo de fortalecimento das relações que valorizou competências individuais e fomentou a interação entre os atores. A equipe assume o papel de intermediação na rede, fomentando o compartilhamento de informações e de conhecimento.

Observou-se, na rede, diferentes subgrupos que apresentavam características próprios, decorrente dos níveis de amadurecimento dos seus membros, em decorrência das experiências e práticas coletivas. Isso revela a heterogeneidade dos indivíduos que compõem o grupo. Portanto, pode-se inferir que a incubação é um processo, mas que não tem o mesmo significado e efeito para todos os indivíduos que compõem a rede, em virtude da singularidade e, conseqüentemente, da especificidade da posição que ocupam.

Finalmente, cabe ressaltar a importância da rede social na intensificação de vínculos entre os jovens participantes do grupo, valorizando a complementaridade das características relacionais de cada ator. Destaca-se, também, a importância da rede de relações que se forma nos grupos incubados e passa a apreender o coletivo a partir de uma nova lógica que valoriza a comunicação e desenvolve a prática da liderança solidária e compartilhada.

Esta pesquisa identificou as relações de uma rede de jovens no desenvolvimento de competências com vistas à inclusão social. Contudo, o número de jovens, de algum modo, limita os resultados desta pesquisa, impossibilitando sua generalização. Diante disto, sugere-se que outros estudos sejam realizados aprofundando questões relativas ao processo de incubação, explorando a complementaridade das características relacionais de um número maior de atores.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI S.; MACIEL M. L. **Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local**. Ciência da Informação, Brasília, v. 33, n. 3, p. 9-16. set./dez.. 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BOCAYUVA, P. C. C. Incubadora tecnológica de cooperativas populares da Coppe/UFRJ. In: CAMAROTTI I.; SPINK P. **Redução da pobreza e dinâmicas locais**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 235- 261.

BOURDIEU, P. O capital social - notas provisórias. In: BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**, Petrópolis: Vozes, 2005.

BRASIL. Lei 11944/2009, de 23/12/2009. Estabelece diretrizes para a política de valorização do salário mínimo. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio. 2009.

BURT, R. *Structural holes in the social structure of competition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

CASTRO, M. L. A. C. **A metodologia de redes como instrumento de compreensão do capital social**. Revista Urutágua. v. 6. p. 1-7, 2008.

COLEMAN, J. *Foundations of social theory*. Cambridge Massachusetts, Harvard University Press, 1990.

CULTI, M. N. Sócios do Suor: cooperativas de trabalho. In: PRIORI A. (Org.). **O mundo do trabalho e a política**: ensaios interdisciplinares, Maringá: Eduem, 2000.

CULTI M. N. **Economia solidária: geração de renda, mitos e dilemas**. Disponível em: <<http://www.unitrabalho.org.br/paginas/noticias/artigos/pdf/E.Solid%C3%A1ria%20-%20Gera%C3%A7%C3%A3o%20de%20renda,%20mitos%20e%20dilemas.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2009.

CULTI M. N. et al. **Programa de economia solidária e desenvolvimento sustentável**. Rede de Incubadoras de Empreendimentos Econômicos Solidários - Unitrabalho. Disponível em: <<http://www.unitrabalho.org.br/paginas/noticias/artigos/pdf/Texto%20Programa%20Economia%20Solid%C3%A1ria%20e%20Processo%20Incuba%C3%A7%C3%A3o%20da%20UNITRABALHO.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2009.

DABAS, E.; NAJMANOVICH, D. *Redes: el lenguaje de los vínculos*. Buenos Aires: Paidós, 1995.

DUARTE F.; QUANDT, C.; SOUZA, Q. **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DURSTON, J. *El capital social campesino en la gestión del desarrollo rural: diádas, equipos, puentes y escaleras*. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe, 2002. Disponível em: <http://biblioteca.eclac.org/search~S0*spi?/XeI+capital+social+campesino&SORT=D/XeI+capital+social+campesino&SORT=D&SUBKEY=el%20capital%20social%20campesino/1%2C13%2C13%2CC/1856&FF=XeI+capital+social+campesino&SORT=D&2%2C2%2C%2C1%2C0>. Acesso em: 01 out. 2009.

FRANÇA FILHO, G. C. de; LAVILLE, J. **A economia solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FREEMAN, L. C. *Centrality in social networks*: I. Conceptual clarification. *Social Networks*, v. 1, n. 2, p. 215-239, 1979.

GAIGER, L. I. **O trabalho no centro da economia popular solidária**. Caxambu: Unisinos, 1999.

GALLO Z.; MARTINS. L. A. de T. P.; PERES M. T. M. **Pobreza, meio ambiente e economia solidária: o caso de Piracicaba**. *Revista FAE*, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 49-50, jan./jun. 2005.

GRANOVETTER, M. S. *The strength of weak ties*. *American Journal of Sociology*, v. 78, p. 1360-1380, 1973.

JUNQUEIRA, L. A. P. Gestão social: organização, parceria e redes sociais. In: CANÇADO, A.C. et al (Org.). **Os desafios da formação em gestão social**. Palmas-TO: Provisão, 2008. p. 87-103.

JUNQUEIRA, L. A. P. **Descentralização, intersetorialidade e rede na gestão da cidade**. *Revista Organizações & Sociedade*, UFBA, O&S, v. 11, Ed. Especial, 2004. p. 129-140.

HANNEMAN, R. *Introducción a los métodos del análisis de redes sociales*. California: Departamento de Sociología da Universidade da California - Riverside, 2001 (2000-2002). Disponível em: <<http://escoladeredes.ning.com/forum/topics/2384710:Topic:23204?groupUrl=bibliotecaer&id=2384710%3ATopic%3A23204&groupId=2384710%3AGroup%3A23188&page=2#comments>>. Acesso em 03 dez. 2009.

HANNEMAN, R. A.; RIDDLE M. *Introduction to social network methods*. Riverside-California: Universidade da Califórnia, 2005. Disponível em: <<http://faculty.ucr.edu/~hanneman/>>. Acesso em 21 dez. 2009.

INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS DA UNISANTOS: **Relatórios de Acompanhamentos à Empreendimentos Solidários**. Santos: IEES-UniSantos, 2008.

_____. **Relatórios de Reunião e de Oficinas de Formação da IEES-UniSantos**, 2008.

LAVALLE, A. G.; CASTELLO, G.; BICHIR, R. M. **Atores periféricos na sociedade civil: redes e centralidades de organizações em São Paulo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 2008, v. 23, n. 68, p. 73-96.

MARCOS P. **Uma reportagem maldita - Querô**. 9 ed. Brasil: Publisher, 1999.

MARQUES, E. C. **Redes sociais e instituições na construção do Estado e da sua permeabilidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. v. 14, n. 41, p. 45-67, out. 1999.

MARTELETO, R. M. **Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p.71-81, jan./abr. 2001.

MARTELETO, R. M. **Informação, rede e redes sociais: fundamentos e transversalidades**. Revista Informação & informação, Londrina, v. 12, n. esp., 2007.

MASCARENHAS, A. O. **Gestão estratégica de pessoas**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MELO NETO, J. F. de. **Educação popular em economia solidária**. Trabalho apresentado na ANPED, Caxambu, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT06-2211--Int.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2009.

NAJMANOVICH, D. *El lenguaje de los vínculos. De la independencia absoluta a la autonomía relativa*. In: DABAS, E.; NAJMANOVICH, D. *Redes: el lenguaje de los vínculos*. Buenos Aires: Paidós, 1995, p. 33-76.

NODEXL, *Analyzing social media networks: learning by doing with NodeXL*, Universidade de Maryland. Disponível em: <<http://www.codeplex.com/nodexl>>. Acesso em: 07 jul. 2009.

OFICINAS QUERÔ. **O que são as Oficinas Querô?**. Disponível em: <<http://www.oficinasquero.com.br/introducao>>. Acesso em: 17 set. 2009.

PRATES, A. A. P.; CARVALHES, F. A. de O.; SILVA, B. F. A. Capital social e redes: conceitos redundantes ou complementares? In: AGUIAR, N. (Org.). **Desigualdades sociais, rede de sociabilidade e participação política**. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 47-59.

PORTUGAL, S. **Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica**. Oficina do Centro de Estudos Sociais, n. 271, Universidade de Coimbra. Portugal, 2007. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>>. Acesso em 12 dez. 2009.

PUTNAM, R. D. **Bowling alone**. The Collapse and Revival of American Community. New York: Simon & Schuster, 2000.

ROCHA S. **Pobreza no Brasil: afinal, de que se trata?**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

SCHERER-WARREN, I. A ação cidadã no combate à pobreza. In: GAIGER, Luiz (Org.). **Formas de combate e de resistência à pobreza**. São Leopoldo: Unisinos, 1996. p. 13-22.

SECRETARIA NACIONAL DE INFORMAÇÕES EM ECONOMIA SOLIDÁRIA. SENAES. **Atlas da economia solidária no Brasil 2007**. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/sistemas/atlas/AtlasESmenu.html>> Acesso em: 17 ago. 2009.

_____. **Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária**. SIES. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_empreendimento.asp> Acesso em: 17 ago. 2009.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; DI CHIARA, I. G. **Das redes sociais à inovação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104. maio/ ago. 2005.

TOMAÉL, M. I., MARTELETO, R. M. **Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação**. Enc bibli. R. eletr. Bibliotecon Ci. Inf., Florianópolis n. esp., 2006.

VELÁZQUEZ, A.; AGUILAR, N. **Manual introductorio al análisis de redes sociales**, 2005. Disponível em: <<http://www.4shared.com/get/87934191/f72fae9/Manual-ARS.html>>. Acesso em: 10 set. 2009.

VERONESE, M. V. **Economia solidária e desigualdades imateriais**. In: 33º Encontro Anual ANPOCS, Caxambú: ANPOCS, 2009. v. 1. p. 1-4.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social network analysis: methods and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZARIFIAN, P. **Objetivo competência**. São Paulo: Atlas, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Formulário

APÊNDICE 1 - FORMULÁRIO

| Formulário | |
|---|---|
| Assegura-se a confidencialidade dos dados, pois as informações fornecidas serão utilizadas somente para os fins específicos do estudo, garantindo a preservação da identidade dos entrevistados, resguardando seu caráter sigiloso e privativo. | |
| Realizada em ___/___/___ | Nº _____ |
| 1. Nome: | 2. Telefone: |
| 3. Idade: | 4. Data de nascimento: |
| 5. Estado civil: Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> Separado judicialmente <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> Viúvo | |
| 6. Mora na cidade de: | 7. Bairro: |
| 8. Mora em residência própria: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> | |
| 9. Nº de pessoas que moram na residência ? _____ (menores de 15 anos) _____ (de 15 a 60 anos) _____ (maiores de 60 anos) | |
| 10. Escolaridade: | 11. Estudou em : Escola pública <input type="checkbox"/> Escola privada <input type="checkbox"/> |
| 12. Cursos complementares realizados: | |
| 13. Ano em que você cursou as Oficinas Querô: | |
| 14. Escolaridade do pai : | |
| 15. Escolaridade da mãe: | |
| 16. Profissão do pai: | |
| 17. Local de trabalho do pai: | |
| 18. Pai possui vínculo empregatício: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> | |
| 19. Profissão da mãe: | |
| 20. Local de trabalho da mãe: | |
| 21. Mãe possui vínculo empregatício: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> | |
| 22. Renda familiar: R\$ | |
| 23. Quantas pessoas contribuem para a renda familiar: | |

| |
|--|
| 24. Cite três pessoas do grupo das Oficinas Querô com quem você mais se relaciona. |
| A |
| B |
| C |
| 25. Quais os motivos desses relacionamentos ? |
| A |
| B |
| C |
| 26. Quantos dias por semana você encontra essas pessoas? |
| A |
| B |
| C |

| |
|---|
| 27. Cite três jovens do grupo com quem você mais se relaciona |
| A |
| B |
| C |
| 28. Quais os motivos desses relacionamentos ? |
| A |
| B |
| C |
| 29. Quantos dias por semana você encontra essas pessoas ? |
| A |
| B |
| C |

| |
|--|
| 30. Cite três pessoas da equipe da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da UniSantos com quem você mais se relaciona. |
| A |
| B |
| C |
| 31. Qual os motivos desses relacionamentos ? |
| A |
| B |
| C |
| 32. Quantos dias por semana você encontra essas pessoas ? |
| A |
| B |
| C |

| |
|---|
| 33. Cite três pessoas com quem realizou atividades ou tarefas no processo de incubação? Cite as atividades ou tarefas realizadas. |
| A |
| B |
| C |
| 34. Qual os motivos dessas escolhas? |
| A |
| B |
| C |
| 35. Quantos dias por semana você encontra essas pessoas ? |
| A |
| B |
| C |

36. No processo de incubação, com que pessoas você mantém contato para obter informações sobre o trabalho? Cite três pessoas.

A

B

C

37. Com que frequência realiza estes contatos?

A

B

C

38. Cite três pessoas com quem você acredita que poderia ter se comunicar para desenvolver suas competências no processo de incubação?

A

B

C

39. Explique o porquê.

A

B

C

40. O que as Oficinas Querô significou para você ?

41. O que o processo de incubação significou para você?

42. Relacione os conhecimentos adquiridos no processo de incubação

43. Complete a frase: “Sei fazer....”

44. Complete a frase: “Sou bom / boa em”

ANEXOS

ANEXO 1 - Métricas dos atores da rede de relacionamentos ampliada: jovens incubados e equipe da incubadora

**ANEXO 1 - MÉTRICAS DOS ATORES DA REDE DE RELACIONAMENTOS
AMPLIADA: JOVENS INCUBADOS E EQUIPE DA INCUBADORA**

| Atores | Grau de Entrada | Grau de Saída ¹² | Centralidade de Intermediação | Centralidade de Proximidade | Centralidade de Autovetor | Coefficiente de Agregação |
|---------------|------------------------|------------------------------------|--------------------------------------|------------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|
| A01 | 2 | 6 | 0,097 | 2,063 | 0,198 | 0,214 |
| A02 | 3 | 5 | 0.198 | 2.031 | 0.177 | 0.095 |
| A03 | 3 | 6 | 0.211 | 2.125 | 0.187 | 0.286 |
| A04 | 4 | 6 | 0.045 | 2.188 | 0.192 | 0.310 |
| A05 | 1 | 6 | 0.142 | 2.250 | 0.139 | 0.133 |
| A06 | 5 | 5 | 0.225 | 1.938 | 0.223 | 0.250 |
| A07 | 3 | 5 | 0.034 | 2.125 | 0.167 | 0.250 |
| A08 | 8 | 6 | 0.438 | 1.813 | 0.335 | 0.182 |
| A09 | 2 | 5 | 0.171 | 2.219 | 0.115 | 0.150 |
| A10 | 1 | 6 | 0.054 | 2.094 | 0.207 | 0.200 |
| A11 | 3 | 6 | 0.104 | 2.250 | 0.144 | 0.333 |
| A12 | 3 | 5 | 0.275 | 2.031 | 0.196 | 0.214 |
| A13 | 6 | 6 | 0.333 | 1.906 | 0.248 | 0.167 |
| A14 | 3 | 6 | 0.457 | 1.938 | 0.231 | 0.179 |
| A15 | 2 | 2 | 0.000 | 2.781 | 0.040 | 0.500 |
| A16 | 0 | 5 | 0.308 | 2.531 | 0.085 | 0.150 |
| A17 | 1 | 0 ¹² | 0.000 | 2.781 | 0.043 | 0.000 |
| A18 | 2 | 6 | 0.326 | 1.969 | 0.179 | 0.095 |
| A19 | 1 | 6 | 0.126 | 2.094 | 0.171 | 0.200 |
| A20 | 2 | 0 ¹² | 0.000 | 2.875 | 0.045 | 1.000 |
| A21 | 1 | 6 | 0.670 | 2.188 | 0.082 | 0.100 |
| A22 | 1 | 0 ¹³ | 0.000 | 3.156 | 0.011 | 0.000 |
| A23 | 0 | 6 | 0.047 | 2.094 | 0.191 | 0.267 |
| B01 | 10 | 0 ¹⁴ | 0,209 | 1,875 | 0,273 | 0,156 |
| B02 | 6 | 0 ¹³ | 0.119 | 2.250 | 0.139 | 0.300 |
| B03 | 13 | 0 ¹³ | 1.000 | 1.656 | 0.320 | 0.135 |
| B04 | 12 | 0 ¹³ | 0.494 | 1.750 | 0.309 | 0.136 |
| B05 | 2 | 0 ¹³ | 0.000 | 3.000 | 0.043 | 1.000 |
| B06 | 3 | 0 ¹³ | 0.009 | 2.500 | 0.073 | 0.167 |
| B07 | 3 | 0 ¹³ | 0.021 | 2.656 | 0.054 | 0.167 |
| B08 | 2 | 0 ¹³ | 0.021 | 2.906 | 0.025 | 0.000 |
| B09 | 1 | 0 ¹³ | 0.000 | 3.500 | 0.011 | 0.000 |
| B10 | 1 | 0 ¹³ | 0,000 | 3,156 | 0,011 | 0,000 |

¹² A métrica apresenta variação de 0 a 6 em decorrência da condição estabelecida aos respondentes, que o número de relacionamentos citados deveria circunscrever-se a três participantes do grupo de jovens e três integrantes da equipe da Incubadora.

¹³ Jovens citados e não entrevistados, não obtendo valor na métrica grau de saída.

¹⁴ Integrantes da IEES-UniSantos citados e sem valor na métrica grau de saída, pois não foram entrevistados em virtude não ser objeto de estudo.